



Cr\$ 1,00

MOMENTO *feminino*

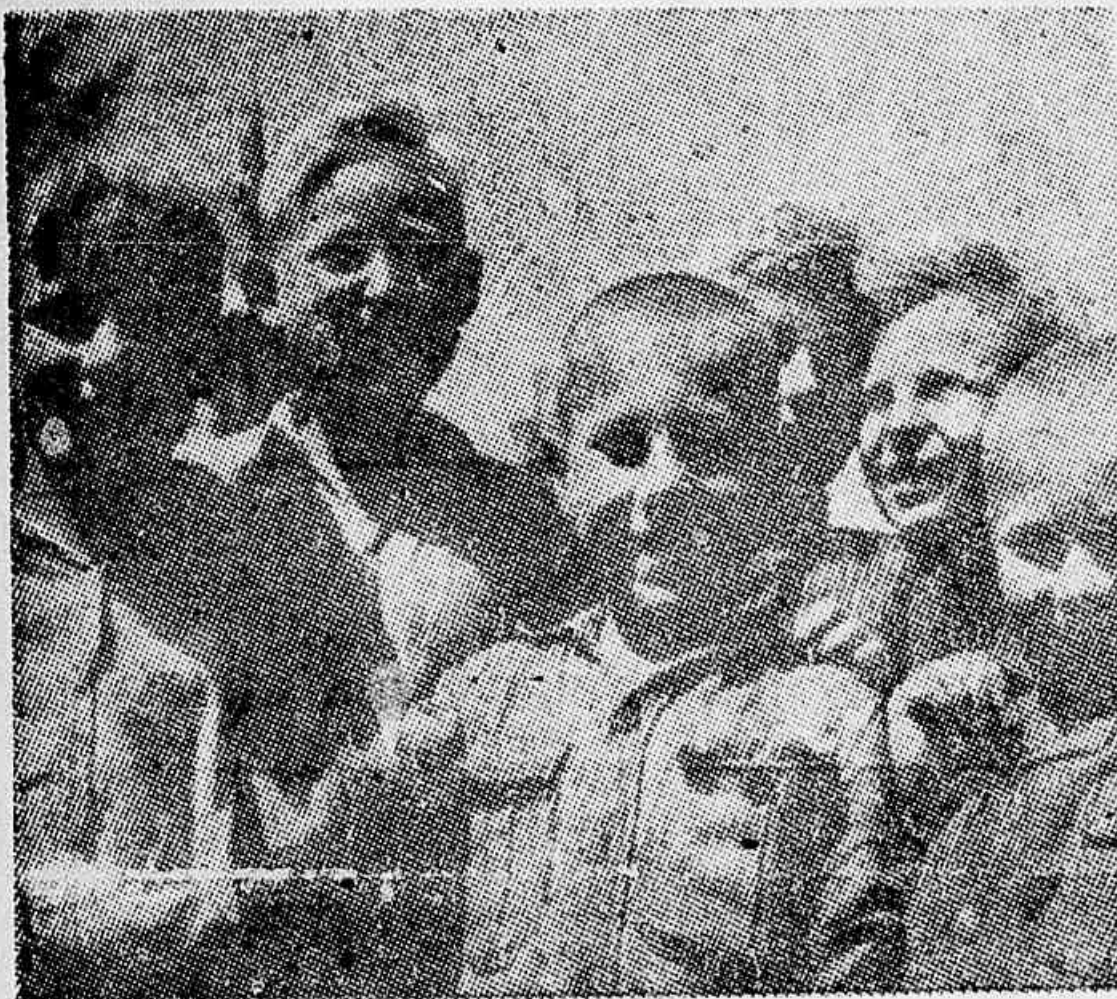
ANO II — NÚMERO 50

RIO DE JANEIRO — SEXTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 1948



ALMA FLORA é uma batalhadora infatigável pelo desenvolvimento do teatro brasileiro. Primeira figura feminina da Cia. Procópio Ferreira, vai aparecer, para alegria de seus fãs, no filme nacional «Mãe», já anunciado em nossos cinemas. Será mais uma glória para essa valerosa artista.

Carta aberta das mulheres polonesas às mulheres do mundo



Crianças aleares e sádias da Polónia foram roubadas pelos nazistas que as queriam tornar escravas e ignorantes

WROCLAW — (PAP) — No Congresso das Mulheres convocado em 27 de agosto próximo passado em Wroclaw pela Diretoria da Liga Feminina Polonesa, por ocasião da visita à Polónia da Sra. Prof. Cotton, Presidente da Federação Democrática Intern. de Mulheres, 10.000 delegadas vindas de todas as partes da Polónia resolveram endereçar às mulheres de todo o mundo a seguinte carta aberta:

"Nós, mulheres polonesas, organizadas em número de 700.000 na Liga Feminina, depositamos nas mãos da Presidente da Federação Democrática Intern. de Mulheres, Sra. Prof. Eugénia Cotton, nosso protesto solene e nossa queixa pelo crime, que nos foi feito, perante as nações do mundo.

A guerra traz destruições e males. A última guerra, desencadeada pelo fascismo, jogou a humanidade em sofrimentos, que nossas palavras não são capazes de expressar. O ocupante fascista esforçou-se por tirar à nossa nação sua liberdade e independência, mais ainda — tentou destruir-nos biologicamente, exterminar-nos para seus fins criminosos. Não há na memória dos povos civilizados notícia de

crimes tão hediondos contra os mais sagrados direitos do homem e da nação, como esses que o hitlerismo perpetró em nossa pátria. Os crematórios de Oswiecim e Treblinka permanecerão eternamente como símbolos horríveis da barbárie fascista.

Tudo quanto conseguimos em anos de árduo trabalho foi saqueado. Aldeias prósperas e cidades populosas foram aniquiladas. Nossa capital orgulhosa, a Varsóvia já ressurcita hoje em dia, foi transformada num montão de ruínas. Nossos tesouros culturais — bibliotecas, galerias de quadros, museus, monumentos arquitetônicos — foram destruídos. Nossa dignidade nacional e humana foi insultada. Mas isso nada representa ao lado do mais terrível, do mais doloroso crime do ocupante hitlerista, que assassinou e exterminou nos campos de concentração, prisões e trabalhos forçados centenas de milhares de nossos filhos e roubou-nos, levando-as, dezenas de milhares de crianças.

Essa acusação é tão horrível, que parece inacreditável. E entretanto é verdadeira. O ocupante hitlerista preparou um plano refinado e per-

fido de saque criminoso de crianças eslavas, de saque de crianças polonesas para preencher os claros, que a guerra abriu nas fileiras da "nação dos senhores".

Em maio de 1940 o famigerado Himmler elaborou o plano de germanização obrigatória das crianças polonesas "racialmente válidas". Desde os meados de 1941 iniciou-se o horrível saque em massa de crianças. Eram elas levadas sob o pretexto de "pacificação", como aconteceu na comarca de Zamocz, no inverno de 1942. Tiradas às mães polonesas, transferidas obrigatoriamente para o Reich, imediatamente após o parto. Raptadas nas ruas das cidades, nos apartamentos dos pais por ocasião de ações policiais, capturas, perquisições e operações de extermínio.

Instituições especialmente criadas para tal fim — Lebensborn, Siedlungsamt, Reichskommissariat Deutsche Heimschulen, Rasse und für die Festigung des deutschen Volkstums — registravam as crianças capturadas. Os dados pessoais dos pequenos reféns — nome, prenome, data e lugar de nascimento — eram frequentemente mudados por duas vezes. Todos os traços do crime eram eliminados. Crianças polonesas, distribuídas em lares alemães cresciam num meio alemão, falando a língua alemã, educadas pela cultura alemã.

Provenhos a autenticidade deste procedimento de gangsters aos olhos do mundo inteiro perante o Tribunal Internacional de Nuremberg, por ocasião do processo n. 8. Acharmos documentos autênticos alemães acerca de 5.000 crianças raptadas de Lodz, 3.000 da Silésia, 30.000 capturadas na comarca de Zamocz. Provamos, baseando-nos em dados irrefutáveis, que na Bavária encontram-se 8.000 crianças polonesas distribuídas pelas famílias alemãs. Segundo nossos cálculos, foram-nos roubadas pelo menos 200.000 crianças.

Diante do mundo inteiro formulamos nossos decidido protesto.

Diante do mundo inteiro revelamos com pesar esse crime hediondo.

Mulheres do mundo, ajudai-nos! Vós, que também sois mães, compreendereis nossa dor, nossos desesperos — o inimigo hitlerista tirou-nos nossos filhos.

Exigimos a devolução de nossas crianças.

Exigimos que seja devolvido à nação polonesa o mais caro de seus bens, o maior de seus tesouros — nossos filhos!

As autoridades de ocupação são as que tem atualmente o poder de decisão no território da Alemanha e nas zonas norte-americana e britânica elas dificultam, complicam e anulam nossos esforços para reaver as crianças. Três anos após o desbaratamento da máquina bélica do fascismo, as autoridades de ocupação anglo-saxãs tomam sob proteção uma das mais hediondas manifestações do fascismo — o rapto de crianças.

Denunciamos os raptos de crianças. Denunciamos diante do mundo inteiro a todo aquele que legalize e prolongue esse rapto.

Em nome de imprescritíveis direitos humanos, nós, mulheres polonesas exigimos a devolução de 200.000 crianças polonesas. Apela-mos para o apoio de todas as mulheres progressistas do mundo, de todas as mães. Mães de países longínquos de luta pelos direitos do homem, irmãs desconhecidas mas queridas, organizai comícios e manifestações, enviai resoluções, fazei por todos os meios possíveis pressão sobre vós o governo — ajudai-nos a reaver nossos filhos.

Depositamos nossa carta aberta às mulheres do mundo inteiro nas mãos da presidente da Federação Democrática Intern. de Mulheres, Sra. Prof. Eugénia Cotton, a fim de que ela a transmita a todas as mulheres da F.D.M.F., a fim de que ela apele a todas as associadas para apoiar nossas justas reivindicações. Nossos filhos raptados devem voltar ao berço polonês, à Polónia.

- Nossos problemas -

ARCELINA

Em novembro próximo será levado a efeito o 2.º Congresso Internacional Feminino, sob o patrocínio da Federação Democrática Internacional de Mulheres, que tem sua sede em Paris.

Todos sabemos do valor e da força dessa agremiação feminina mundial, que conta com 81 milhões de associadas e da qual o Brasil participa, com suas organizações femininas. Que há dois anos passados enviaram a ilustre senhora Alice Tibiriçá, para representar o pensamento e lutas das brasileiras, no conclave realizado na Tchecoslováquia. E todo o Brasil acompanhou o brilhante desempenho de nossa representante durante os trabalhos do primeiro Congresso.

Desta vez, a Federação espera que o Brasil envie uma lúida delegação, e, para orgulho nosso, abrem-se as possibilidades dessa embaixada, com participantes de vários Estados da Federação.

O muito importante para nós é o significado desse 2.º Congresso e a sua influência nos destinos dos povos.

Sabemos que a Federação Democrática Internacional de Mulheres é uma poderosa fiscalizadora dos trabalhos da ONU e se constituiu como o esteio, máximo das lutas femininas de todo o mundo. Seu programa de ação é identificado com as necessidades de vida da mulher e da criança, que nesta difícil situação que o mundo atravessa, têm suas existências ameaçadas por uma nova hecatombe, levada a efeito pelo imperialismo internacional, na concretização de sua política expansionista.

A evidência dos fatos tem dito bem alto dos perigos que os povos democráticos correm, e muito especialmente as mulheres e crianças, sempre as mais sacrificadas em todo e qualquer conflito mundial.

Os exemplos dolorosos da guerra passada, que espelham as misérias, as mutilações e os esfacelamentos de lares felizes, constituem a maior arma de defesa feminina contra as investidas guerreiras que nos ameaçam. Também as tiranias que persistem em certos países, em que o imperialismo domina, não fogem à certeza de que o mundo é ainda bastante ameaçador à tranquilidade da família internacional.

Em nossa pátria é ardente o desejo de paz. Agora mesmo as mulheres organizadas do Distrito Federal patrocinam a campanha da paz mundial e se dirigem não só ao Brasil, como ao Continente, no sentido de todas as mulheres se darem as mãos nessa grandiosa campanha de preservação da tranquilidade dos povos.

Estando o pensamento da mulher brasileira voltado para esses problemas, ela é hoje uma das maiores zeladoras dos assuntos relacionados com a política interna.

E' preciso reconhecer que a mulher em nossa pátria tem sabido assumir uma elevada posição política, sobrepondo-se à política partidária. A crise nacional não lhe passa despercebida. Os fatos ligados à economia, suas causas e consequências, enfim, todos os problemas que envolvem a vida própria da Federação são uma constante preocupação da mulher brasileira. E' que ela reconhece que tornar-se hoje, indiferente a tais problemas seria reduzir-se a póso morto na balança do país e ela bem sabe que constitui mais da metade da população nacional.

A precariedade de condições de vida atual das nossas famílias, tornar-se-ia cada vez mais grave, se a mulher não assumisse a posição de liderar a campanha da paz, na garantia da felicidade futura de todos os lares.

Assim, tendo o 2.º Congresso Internacional de Mulheres como ponto básico a defesa da paz para a prosperidade de todas as pátrias, não seria justo que a mulher brasileira, de tradições pacifistas, não se preparasse para participar de tão importante conclave, em novembro, na Finlândia.

Eis, amigas, um problema de suma importância para todas nós, porque tudo deve ser empreendido para mandarmos nossa delegação, a fim de que nossa voz ressoe perante o mundo inteiro lá congregado, em favor da harmonia, da tranquilidade e da paz universais.

Mais do que nunca devemos atender ao honroso convite da Federação e que todas as organizações femininas se reúnam para a escolha de nossas congressistas e a discussão ampla dos problemas femininos brasileiros a serem expostos no Congresso.

De semana em semana

ENEIDA

O calendário anunciou a chegada da primavera mas não houve nada que indicasse sua vinda. Os dias são sombrios, sem sol, numa tristeza humilde. E esse mesmo estado de coisas atmosférico é sentido no triste ambiente da vida que corre. A Constituição fez dois anos no dia 18 de setembro. Não houve comemorações, nem feriado. Só os vereadores presentearam-na com um baile com muito whisky e muita champagne. Senhoras decotaram-se; homens vestiram smoking. E um grupinho reduzido de edis perguntou: — "quanto custou essa festa? E' justo gastar assim o dinheiro do povo?" Comemorar uma pequenina carta que custou tanto sacrifício e trouxe tantas ilusões quando essa pequenina coisa não merece nenhuma consideração dos governantes, quando aqueles que mais a deviam respeitar são os que mais a desrespeitam? E numa resposta eloquente às perguntas do homem das ruas, a polícia especial (até onde irão seus crimes?) derramou, no monumento de Floriano, sangue brasileiro. A Constituição e a primavera não impediram os acontecimentos da noite de 23 de setembro. Os jornais falaram sobre os acontecimentos; uns trazendo a marca da polícia imprensa em todas as letras, outros mais honestos, narrando a verdade. Mais uma vez foi o povo atacado de surpresa; mais uma vez a fúria canibalesca dos P.E. divertiu-se com o sangue de vítimas pacíficas. E a Constituição mais uma vez foi manchada com esse sangue. Meu amigo, o vereador Osório Borba, num discurso proferido dia seguinte aos acontecimentos na Câmara Municipal, narrando

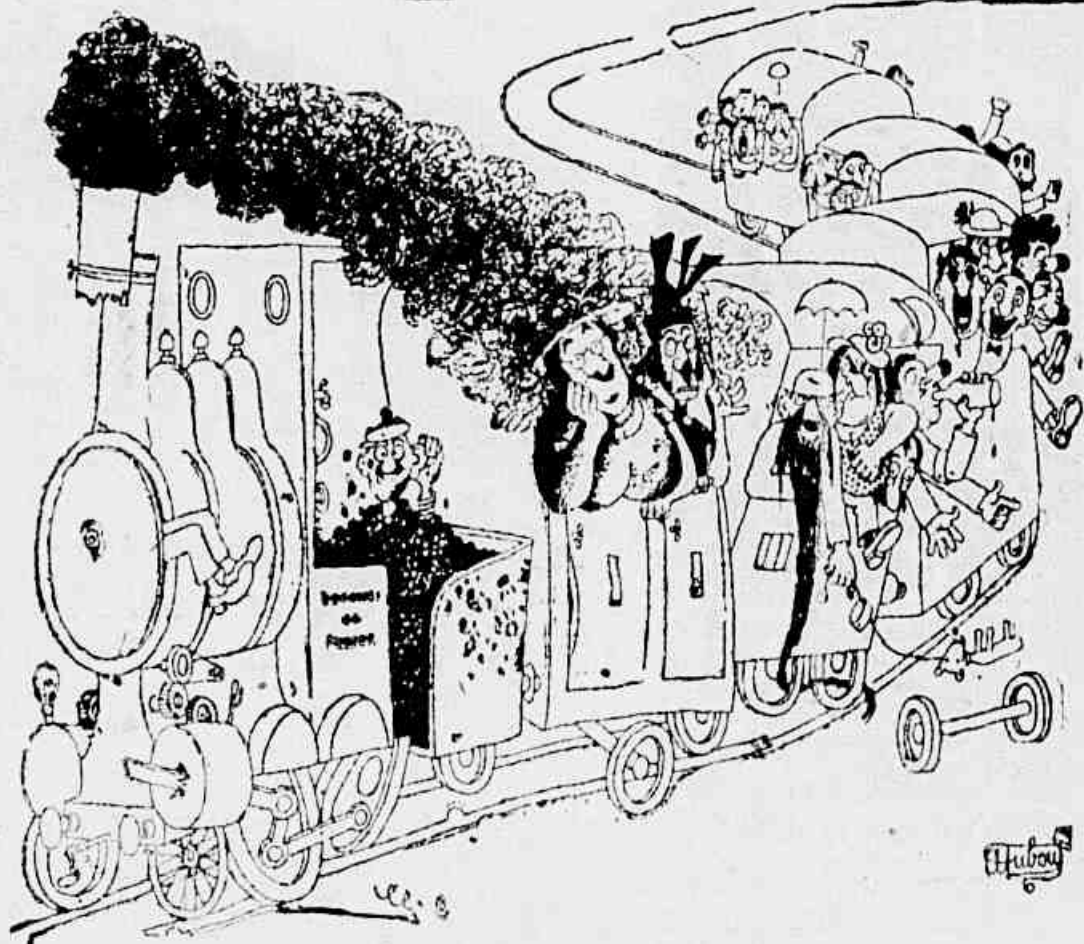
minuciosamente o que assistira, contou este fato que transcrevo:

"Quando a senhora Modesto de Souza, replicando a uma das insolências do Chefe de Polícia, frizou que era uma cidadã brasileira, como S.Excia. era um cidadão brasileiro, o general Lima Camara pouco faltou para investir, numa agressão física, ao casal Modesto de Souza, quer dizer, ao velho artista ferido, ensanguentado, quase dos pés à cabeça, e à sua esposa".

Não conheço a senhora Modesto de Souza mas peço-lhe que receba, nesta crônica, a mesma homenagem comovida que lhe prestei no momento em que ouvi a narrativa de sua atitude. O chefe de polícia não é daquele tempo em que se dizia: "na mulher não se bate nem com uma flor"... O chefe de polícia sabe que a mulher de hoje quer usar com dignidade o título que conquistou: "cidadã brasileira".

Outros casos aconteceram: a semana encheu-se deles, os dias correram sombrios e pesados. Mas nenhum foi mais gritante que aquele da noite da instalação do Congresso do Petróleo. Nem mesmo o arrancar de brasileiros de dentro de um navio brasileiro para as masmorras de Franco. Nem mesmo a enorme grita dos que trabalham aqui e ali e não podem mais viver com o que ganham.

Como poderia chegar a primavera se não há nenhum ambiente para recebê-la?



Viajo para esquecer as ideais negras que tanto me preocupam...

nosso garoto

UMA HISTÓRIA DE DINDINHA

No melhor da brincadeira, a chuva começou a cair de repente, e os quatro meninos, já nossos conhecidos, Beto, Ana-Maria, Joãozinho e Betinha, correram para casa. Ficaram um tanto mal humorados, sem saber o que fizessem para compensar a boa correria do quintal. Mas Joãozinho salvou a situação, pedindo a Dindinha, de repente: — "Dindinha, conte uma história!" E logo Dindinha, muito camarada, começou a falar, enquanto os quatro guris se acomodavam junto dela:

— "Vou contar a vocês um caso muito engraçado ocorrido com Buffon, um célebre naturalista francês. Vocês já tinham ouvido falar nesse nome?"

— "Eu, já!" — afirmou muito lampeiro o Beto, que já está no Ginásio.

Ana-Maria e Joãozinho, honestamente, moveram a cabeça, numa negativa, mas a Betinha, que só tem quatro anos, repetiu, como um papagaio:

— "Eu, já!"

Todos riram, e Dindinha, de brincadeira, puxou — sem machucar, de certo, — a pontinha do nariz da garôta, exclamando: — "Ouviu nada, sua gabola!" — ao que a pequena, muito esperta, garantiu: — "Ouvi, sim. Dindinha não tinha acabado de dizer esse nome agorinha mesmo?" — o que fez Dindinha embatucar...

— "Buffon — continuou Dindinha — viveu no século XVIII. Fez muito pelas ciências naturais e é conhecido também pela sua maneira de escrever, pelo seu estilo pomposo e rico.

Mas vamos à história. O diretor do Jardim Botânico de Paris mandou a Buffon, certa vez, dois figos de uma espécie rara, que o naturalista deveria estudar e classificar. Encarregou da entrega a um seu empregado, rapaz simplório e guloso. No meio do caminho, o rapaz ficou tentado pelos figos e comeu um. Chegando à casa de Buffon, estendeu-lhe o embrulho e a carta em que o Diretor do Jardim Botânico lhe dizia remeter-lhe "dois" figos para estudo...

— "Dois! Mas só vejo um!" — reclamou Buffon, abrindo o embrulho e maravilhando-se com a beleza e o perfume do fruto. — "Onde está o outro, rapaz?"

O rapaz ficou muito embaraçado, mas, por fim, acabou confessando que o comera.

"Você comeu o figo! Mas como é que você pôde fazer uma coisa dessas?"

O rapaz pegou delicadamente o figo restante, enfiou-o na boca, comeu-o ante os olhos atônitos de Buffon e respondeu:

"Assim..."

As crianças começaram a rir, mesmo a Betinha, que só tinha entendido pela metade. E Ana-Maria exclamou, apontando para a janela:

— "Olhem! A chuva passou! Vamos brincar no quintal".

Sairam todos correndo, deixando a Dindinha com suas costuras.



VAMOS FABRICAR NOSSOS BRINQUEDOS?

Possuir um brinquedo comprado numa loja não é vantagem... O interessante é cada garoto fabricar seus próprios brinquedos ou os de seus irmãos menores, utilizando, para isso, material barato e caseiro, habilidade... e imaginação.

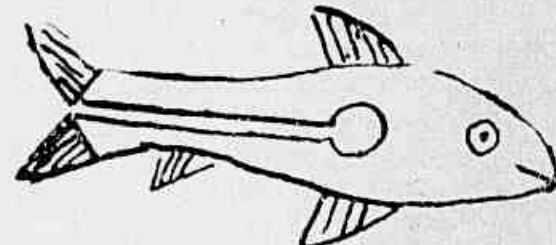
Vamos, por exemplo, fabricar um patinho que possa boiar na banheira, no tanque, na pia ou na água da enxurrada, sem se molhar. É muito fácil. Precisamos, para isso, de uma rolinha de cortiça, des-

sas redondas e chatas (pode-se cortar a rodela superior de uma rolinha, por que é impermeável. Como assim? perguntarão vocês. Ora, nada mais fácil! Basta colorir todo o corpo do patinho com o lápis amarelo, o que o conserva sempre bem sequinho. Pinta-se o bico de vermelho. Os olhinhos são pretos. Faz-se uma incisão na rodela de cortiça, e ali se enfia a base do patinho. E está pronto o brinquedo. (Modelo 1).

Então para que precisaremos de imaginação, se está tudo explicado aí e é só seguir os conselhos? Para fazer, além do patinho, ou em vez do patinho, outros bichos pelo mesmo processo: um peixe, ou um cisne, por exemplo. É que acham vocês de fazer também um barquinho à vela?

O PEIXE NADADOR

Recorta-se o peixe de acordo com o modelo 2. É melhor empre-



gar papel bem grosso, para que resista melhor à ação da água. Faz-se uma incisão, como o modelo indica, começando por um pequeno furo circular, feito no meio do corpo, e seguindo-se com o corte que separa a cauda em dois pedaços. Molha-se, então, a parte inferior do corpo do peixinho, que é, em seguida, cuidadosamente colocado com muito jeitinho na superfície da água da banheira, do tanque, da pia, etc.

Para fazer o peixinho nadar, basta deitar no orifício do meio do corpo algumas gotinhas de azeite, o qual logo começa a se distender ao longo da fenda, em direção à cauda, o que impulsiona o peixinho para a frente.



IV



V



VI

A primeira viagem de Garibaldi foi no navio "Constanza". Foi aos portos italianos. Enfrentou tremendos temporais e teve mesmo de lutar contra os corsários, que atacaram seu navio, desembarcando, de volta, em Marselha.

Jovem ainda, com 21 anos de idade, Garibaldi deixou-se influenciar pelas idéias de liberdade e unidade da Itália, pregadas por Mazzini, e, a fim de libertar sua pátria do jugo austriaco, passou a fazer parte da associação patriótica conhecida sob o nome de "Jovem Itália".

Garibaldi fazia parte da guarnição da fragata "Euridice", quando, ameaçado de prisão e fuzilamento por haver aderido à causa da unidade de sua Pátria, foi obrigado a evadir-se. Atravessou os Alpes a pé, em direção a Nice, e daí seguiu, ainda a pé, até Marselha, suportando toda sorte de fadigas, dificuldades e fome.



Artista americana no Brasil

SÍLVIA

Polly Mc Donell apresenta pela segunda vez, individualmente, os seus trabalhos no Salão do Instituto de Arquitetos do Brasil.

Desde sua exposição no Ministério da Educação a artista se fixou como um dos reais valores de nossa pintura. Dez anos de Brasil deram à pintora um amadurecimento com raízes profundas na Escola de Paris. Seguindo uma linha marcada por Cézanne, a aluna de André Lhote, em Paris e de Arpad Szenes, no Rio de Janeiro, tem conseguido se libertar de certas dominações cubistas, vem se aprofundando em seu "métier", ao mesmo tempo que um equilíbrio de cores vai prevalecendo em todo seu trabalho.

As naturezas mortas, são um bom exemplo para uma confirmação verdadeira. Estamos lembrados da artista com o seu colorido mais cru e superficial, sem uma maior intimidade, tão necessária à comunicação com o mundo exterior. Pode-se mesmo dizer que um novo realismo bem compreendido faz com que Polly Mc Donell consiga realizar o tão ansiado encontro do povo com a obra de arte. A sua mensagem plástica é uma constância em seus trabalhos. A artista vê e sente o Brasil, o Brasil das velhas cidades coloniais e das nossas igrejas poeirentas e tradicionais. Viando por Minas, reuniu em sua bagagem artística os seus novos valores de arte. Tem-se a impressão de que o Brasil, com a sua terra pujante e rude, seus morros e seus coloridos tropicais tocou de fato a sensibilidade da artista que com a sua interpretação francesa conseguiu firmar as qualidades que antes lhe faltavam. Maior penetração e maior força emotiva.

A evolução da artista revela que não é o temperamento da América que se exprime. É a aluna de André Lhote ganhando a vida brasileira, contando o significado de nossos velhos ambientes, ganhando a nossa terra.

Podemos mesmo dizer que essa artista está catalogada entre os artistas brasileiros e que vale ain-

da como uma figura de mulher enriquecendo o nosso patrimônio de arte.

Reproduzimos um dos seus quadros mais característicos — "Casas de Ouro Preto".

Que nossas amigas se habituem as mostras de arte. Visitando a Exposição da pintora americana estarão enriquecendo a sua cultura artística.

E, um convite que aqui fazemos, e não esqueçam de observar o "Biombo", que além de um trabalho de arte (os nossos morros são vivos e humanos) e um quadro decorativo e evocador de nossas características regionais.

Ainda nosso aniversário

Recebemos do Piauí:
Prezadas amigas:

A *União das mulheres de Teresina*, vem com a presente, embora um pouco tarde, apresentar calorosas saudações pela passagem do primeiro aniversário de "Momento Feminino", fazendo os melhores votos para que este jornal prospere sempre, circulando sem interrupção, pelo Brasil inteiro, fazendo-se presente em todos os lares, palácios ou barracos, fábricas, repartições públicas, onde quer que haja mulheres, pois ele significa um fator importante no levantamento social e político da mulher brasileira, na construção de um mundo melhor, sem guerra e injustiças sem despotismos e egoísmos, com amor, justiça, liberdade e paz entre os povos.

Aqui deixamos, às dirigentes, redatoras e colaboradoras do mais querido e necessário jornal do Brasil, almejando-lhes saúde e felicidade pessoal, a fim de que possam continuar na luta pelo bem estar da mulher e pela independência de nossa Pátria.

as) Creusa Rêgo Santos; Maria Iris de Sousa Lira; Nadir do Amaral Sobreira; Cleomar Fagundes; Maria Senhora; Olinda Sousa e Odete Sousa.

«MULHERES» NO TEATRO REGINA

A curiosidade de todos que esperavam "Mulheres", a peça americana, sem homens, de Claire Booth, foi satisfeita e com imenso prazer assinalamos, constituindo um grandioso espetáculo. O conjunto harmonioso dirigido pela genial Dulcina, portou-se à altura, despertando o entusiasmo e a admiração de todos que enchiam o teatro. A temporada deste ano, está demonstrando que no Brasil ainda se pode fazer bom teatro, pois aí estão, Procopio, Dulcina, Sandro, Morineu, numa afirmativa consoladora. Constitui "Mulheres" ótimo espetáculo, onde Dulcina, brilha como atriz de real valor diretora e ensaiadora, numa demonstração de todo seu punjante talento. E hábito do cronista sempre destacar nomes em suas apreciações.

Hoje fujo à regra para afirmar que as 33 Evas, concorreram para o êxito de "Mulheres". A peça de Claire Booth, apesar de ter sido escrita há mais de dez anos, continua

atualíssima, pelo conteúdo social que apresenta. Em "Mulheres" Claire Booth, satiriza, (inconscientemente talvez), a sociedade americana colocando em xeque as tradições criadas pelo divórcio num regime econômico em decomposição. Muito embora, segundo creio, não tenha sido intenção da autora, o que a peça caracteriza como troca de maridos, fato este atribuído, ingenuamente, a razões de ordem temperamental, psicológica, ou ainda ao capricho feminino revela aos nossos olhos a incapacidade de uma sociedade, para resolver problemas transcendentais com origem na desordem econômico-social do próprio regime. Assim, o que deveria consolidar-se como reivindicação social não é mais que "prostituição aristocratizada". O desfecho agradável da peça, e tão a gosto dos americanos, ilustra claramente a nossa tese: a solução só poderia ser individualista. Há no espetáculo, ora em cartaz, no Regina, equilíbrio, harmonia, e perfeição. Cada atriz vive seu papel, com segurança, e todos estão movidos pelo mesmo sentimento de prestigiar, elevar e acrescentar novos louros, à farta "messe" dos já colhidos por Dulcina.

Como mulher, quero deixar nestas linhas desprezenciosas toda minha admiração e os mais sinceros aplausos à Dulcina, por mais essa gloriosa realização que vem enriquecer, sem dúvida, a história do teatro brasileiro. A tradução bem enxada e numa linguagem agradável deve-se a Lúcia Benedetti. Cenários aprimorados, e de execução original. "Mulheres" um espetáculo que deve ser visto por todos aqueles que apreciam bom teatro de Dulcina.

NORKA SMITH

A mulher, o marido e a Sociedade Anônima

NICE FIGUEIREDO

É impossível silenciar ante as contradições da nossa lei, quando tratam de assuntos e questões referentes à situação da mulher casada, do marido como chefe da sociedade conjugal e da proteção à família.

Em nome da proteção à família, da sua boa administração e funcionamento, estabeleceu a lei que fosse ela chefiada pelo marido porque, segundo a tradição e a experiência, era ele o mais capaz. Por causa desta conclusão foi preciso estabelecer outra: a mulher tinha de ser incapaz e, para não colocá-la ao lado dos loucos furiosos, a lei determinou que a capacidade da mulher fosse igual a de um índio, por exemplo, que por infelicidade viesse cair no seio da civilização.

Assim ficou organizada a família.

Como, porém, os desmandos maritais eram grandes, e a família se ressentia deles, estabeleceu a lei, que para certos atos do marido que jogassem com a segurança patrimonial da família, teria a mulher, apesar de incapaz, de ser consultada e de expressamente concordar ou discordar destes atos. Isto a lei estabeleceu de um lado. Vejam, agora, as leitoras, o que ela determina de outro.

Suponhamos que uma mulher casa pelo regime da comunhão de bens, seja acionista de uma Sociedade Anônima, da qual é presidente seu próprio marido.

Todo acionista tem o direito e o dever de votar as contas da gestão dos administradores da Sociedade. A mulher casada, mesmo acionista, não poderá exercer este direito, se o marido for presidente, por exemplo, fazendo parte da administração cujas contas estão votadas. E sabem por que não pode?

Segundo as palavras de um eminente tratadista, porque: "Perigosa seria a admissão dela a tomar atitudes deste porte, pondo-se contra ele e provocando, dessa arte, desavenças. Criar-se-ia regime de discórdias, de sizânias, de incompatibilidade, contrário ao da harmonia e paz que a sociedade conjugal requer".

Primeiramente, não há lei por mais perfeita que seja, que consiga evitar desavenças e brigas conjugais. Segundo que, se uma mulher de consciência, não uma testa de ferro do marido, se vê privada de um direito como esse, brigar, então, por dois motivos, porque não pode fazer valer um direito que tem e porque as contas do marido presidente estão erradas.

Vetar à mulher o direito de examinar as contas que seu marido apresenta como presidente de uma Sociedade Anônima, só para que não haja desavenças conjugais é puéril e ridículo, sobretudo quando se considera que a mulher está defendendo o seu patrimônio que não é outro senão o de seu próprio marido e de sua própria família.

Com este dispositivo, rouba a lei à mulher, o direito de velar pelo patrimônio de sua família, contribuindo para aumentar, cada vez mais, as desavenças e as discórdias entre os cônjuges, discórdias que se deslocam para o ambiente familiar, já que não se podem travar no campo meramente econômico.

Ai está pois, uma das grandes contradições de nossa legislação, que prefere sacrificar o interesse econômico de uma mulher e de uma família, só para não diminuir a importância da posição do marido, chefe da sociedade conjugal. Porque, este sim, é o verdadeiro motivo do preceito legal que examinamos.

RÁDIO

SADDI CABRAL

Saddi Cabral dispensa elogios. Seu nome no cartaz do rádio e do teatro, atrai inúmeros fans, ávidos de emoções fortes... Como assistente de rádio teatro, que foi do sr. Amaral Gurgel, na Rádio Globo, dispensou esforços e talento no sentido de criar qualquer coisa de original. Foi ele o criador da "Novela Semanal", e de outros programas que não nos recordamos no momento. Para muitos era o Saddi Cabral, o diretor... já que o sr. Amaral Gurgel, deixava tudo entregue a ele. Indisponha-se, embora, passagieramente, com os colegas para prestigiar a direção. Teixeira Pinto, que foi sempre escolhido por Saddi Cabral, para desempenhar os melhores papéis, as vezes em detrimento de colegas mais capazes; de ter quase sempre uma novela no ar, com a sua assinatura; logo após, ocupar o lugar deixado por Saddi, que se afastou para montar a sua companhia teatral, assumiu ares de Grande Senhor, chegando ao ponto de não permitir que seus colegas, sentassem em sua cadeira, e só chamava o artista ao telefone, depois de ter dito meia dúzia de desaforos, á pobre da telefonista que não tinha nada que ver com a falta de telefone para os artistas, e que se fazia a ligação, é porque tinha ordem superior, e portanto o sr. Teixeira Pinto tinha por obrigação, chamar os contratados ao aparelho... Enfim, tornou-se um verdadeiro ditador, embora, mascarado de bom moço. Saddi, ao voltar, foi recebido pelo colega, com reserva, (talvez, medo que o lugar fosse dado a quem por competência deveria ocupá-lo.) A situação criada pelo novo "assistente", foi-se tornando cada vez mais séria



Saddi Cabral, ator de teatro, rádio e cinema, atuando presentemente na Rádio Globo

dando origem a atritos, vindo a culminar, com a imposição do sr. Teixeira Pinto, no sentido de que Saddi Cabral, não mais trabalhasse em programas que tivessem a sua direção. E o sr. Amaral Gurgel, com sua passividade concordou. E' o cúmulo! A dedicação de Saddi Cabral, foi compensada desta maneira. Hoje só ouvimos Saddi, raramente. Na Rádio Globo, é assim; os valores são afastados, desde que não contem com a amizade dos pontentados que lá do alto, dirigem os destinos da emissora de Roberto Marinho.

DAGMAR



REVISTAS ESTRANGEIRAS

Cultura Política — Filosofia — Ciência
Pedidos pelo Reembolso Postal

Editorial Vitória Ltda.

Rua do Carmo 6, 13º andar, sala 1.306, Rio

1) POR QUE VOCÊ ESCREVE?

R) — Creio que por necessidade, pelo prazer de contar a mim mesma as histórias que vou inventando. E a prova é que escrevo



muito e pouco, de raro em raro e assim mesmo para atender às insistências de algum amigo. Geralmente, terminado o trabalho — quase sempre um conto — desintereço-me do que fiz e então me apaixono pelo que pretendo fazer; os personagens que não tardarão nascer, que já estão em gestação ou que já nasceram em minha imaginação, tomam conta de mim por completo, até serem, por sua vez, substituídos pelos que lhes sucedem. Escrevo desde pequena: minha letra era ainda um verdadeiro hieróglifo e minha ortografia assemelhava-se bastante à do sr. General Klinger, e já eu tinha uma "bagagem literária", composta de contos ("Meus Contos", 1.ª série — sete anos de idade — 2.ª série, 8 e 9 anos — 3.ª e 4.ª séries, dos dez aos doze) e de um romance cheio de piegüices e de aventuras circenses, que comeci aos sete ou oito anos e só deixei de lado já adolescente, depois de ter enchido enormes cadernos...

Meu público habitual — e benevolente — eram as duas avós.

2) QUAL DOS SEUS LIVROS O QUE MAIS LHE AGRAÇA?

R) — O que estou escrevendo atualmente, um romance em quatro volumes, dos quais dois já estão concluídos e o terceiro iniciado. Intitula-se "Mortos e Vivos" e divide-se em "Dias da Infância", o qual, por sua vez, se divide em duas partes: "Os Mortos" e "Os Vivos", "Adolescência", (são esses os volumes terminados), "Idade de homem" e "Enterrar os mortos".

E o que mais detesto é meu primeiro livro: de versos, "Sombra e Luz", publicado antes dos vinte anos e prêmio da Academia Brasileira de Letras.

3) COMO ESCREVE?

R) — A máquina e em qualquer momento livre. Geralmente — à noite e — quando estou só em casa — nas tardes de domingo. Tenho uma esquisitice: a página inicial de qualquer trabalho não pode ter a menor rasura, a menor falha, nem sequer letras batidas; recomeço-a sempre que erro ou que pretendo substituir uma ex-

Conversando com as escritoras

FALA LIA CORRÊA DUTRA

pequeno-burguês por demais agarrado aos seus preconceitos e às suas tradições, mas em torno do qual vão se modificando a cidade, as condições de vida, a situação e as relações de família, a sociedade burguesa. Creio que a pintura desse período de sua vida — e da vida do Rio — que vai de 1907 a 1924, aproximadamente, está bastante fiel. Nos dois últimos volumes, a história ganha um sentido mais social e político; não tem pretensões a literatura de propaganda, mas, com a chegada de Vicente, o personagem de luta e consciência, força-se a comparação entre ele e meu hesitante Bernardo, e os dois formam como que símbolos de duas classes antagônicas: um, com toda a pujança da que se está desenvolvendo e fortalecendo para vencer inevitavelmente; o outro, perclitante, indeciso, débil, devorado de dúvidas e incertezas, emurchecido como a que vai ser superada e desaparecer.

6) VOCÊ PENSA QUE SUA LITERATURA TEM ALGUMA INFLUÊNCIA? DE QUE ESPÉCIE?

R) — Não ousou esperá-lo. Tenho escrito muito pouco — apenas dois livros publicados e alguns contos e artigos esparsos, além de algumas conferências e discursos reproduzidos na imprensa. Com isso, não posso ter exercido qualquer influência viva e duradoura. Mas conto vir a ter essa influência, o que pode parecer muita pretensão mas não passa de um "saudito otimismo"...

A espécie de influência que acho que deve ser exercida pelo escritor sobre o leitor é no sentido de lhe mostrar o caminho, de orientá-lo, de se conservar sempre próximo a ele, ligado ao seu público por laços muito íntimos e profundos, cheios de calor e de simpatia humana. O escritor jamais deverá ser hermético, longínquo, solitário. Não digo que deva fazer concessões quanto à qualidade de sua literatura; deve, por certo, procurar elevar o gosto do leitor, alçá-lo até a sua própria altura, melhorá-lo. Para isso, porém, não é necessário que se torne

complicado, alheio, "superior". Deverá procurar influir diretamente, e, para isso, manter verdadeira comunhão com seu leitor, isto é, viver de sua vida e fazer com que dela participem os seus personagens.

Essa é a espécie de influência que espero exercer sobre meu público... quando tiver influência... e quando tiver um público...

7) QUAL O TIPO DE LEITOR QUE VOCÊ TEM?

R) — O leitor médio, da classe média, e, ultimamente, creio que também o operário. Não é a chamada "elite" que me lê — e nem o quero — mas gente como eu e como você, mães de família, funcionários públicos, professores, estudantes, operários, gente simples e trabalhadora, gente despretençiosa e útil. Para esses é que escrevi até hoje e que pretendo continuar a escrever. Não disse, propositalmente; "Não desejo público melhor" porque melhor do que esse não há...



Amadeu Celestino e Alma Flora numa outra cena do filme "Mãe"



Um filme admirável é "A Pérola", produção mexicana, infelizmente falada em inglês. Dizemos infelizmente, porque em espanhol essa produção ganharia muito mais como força expressiva. Mas "A Pérola" é um grande espetáculo de arte e o cinema do México vai avançando e se firmando como um dos melhores do mundo.

O enredo é de John Steinbeck e se bem que não conheçamos o livro, parece-nos que foi rigorosamente mantido o dramático e o humano nele impressos, pois só assim seria possível respeitar a luta dolorosa e tremenda, daquele homem pobre e ingênuo, que queria a pérola para dar sapatos à mulher e livros ao filho, enquanto todos desejavam sua pérola para enriquecer. Pedro Armendaris, o grande artista mexicano, já nosso conhecido em Maria Candelária, faz o pescador que encontra a pérola. Ele seria o homem "mais rico do mundo" não fosse a ambição desenfreada dos demais. Ele amava a mulher e o filho, e só para eles, ambicionava dinheiro. "Seremos livres" dizia quando lhe perguntavam o que faria com a pérola. Mas voltou a ser o pobre pescador de ostras no fundo do mar.

Maria Elena Marques, a mulher do pescador, é um nome novo do cinema mexicano. Belíssima, de uma beleza primitiva e ingênua, ela está nesse papel numa a vontade eloquente. E os demais elementos do elenco respeitam seus papéis tornando-os convincentes.

O filme, segundo os cronistas, está marcada pela técnica de Eisenstein, e seu diretor, Emilio Fernandez é filiado à escola do grande mestre de cinema soviético. Os suspensos dão ao espectador a sensação do real e as fotografias de detalhes são soberbas. Há nesse filme uma intensa emoção e um admirável conteúdo das dores e alegrias humanas.

R) Até cerca de dois anos, minha literatura foi bastante desorientada e não creio que exprimis-se muito mais do que a simples intenção de contar minhas histórias-zinhas... Os dois primeiros volumes de meu romance também pouco exprimem. Mas há neles bastante seriedade e tenho a impressão de que os personagens são vivos e humanos. Contam apenas a infância e a adolescência de um



Uma cena de "Trágica Inocência", com Michel Simon, no papel de dr. Ancelin (França Filme para o Brasil)

Jany Holt, estrela do cinema francês que aparecerá em "Trágica Inocência" (Non Coupable), produção Cofram, que a França Filme exibirá em breve

A MULHER NOS 5 CONTINENTES

Primeiro Congresso Nacional Feminino na Argentina

Sob o patrocínio da União de Mulheres da Argentina, as mulheres dessa República irmã discutem os seus problemas — Êxitos nos trabalhos — Cada mulher uma defensora consciente da Paz — Junto a luta das trabalhadoras estão tôdas as mulheres do país — Resoluções do Congresso

Em agosto p. p., sob um verdadeiro calor humano, misturando-se vozes e vidas das mulheres das cidades e dos campos argentinos, realizou-se o grande 1.º Congresso Feminino em Buenos Aires, atendendo a convocação da U. M. A.

A Pela primeira vez a vida da população feminina nessa república latina foi posta a descoberto pelas próprias mulheres, cujos relatórios de muitas delas não constituíram discursos bem preparados mas pedaços eloquentes de suas vidas cheias de dificuldades e orrimientos.

A maravilha do trabalho ressalta desde a apreciação do desempenho das associadas da U. M. A., que tudo

em ambiente de verdadeira fraternidade entre tôdas as delegadas, a fim de não lhes faltar a menor assistência, pois algumas jamais tinham vindo a cidade e outras muito tímidas, como as camponesas, poderiam encontrar dificuldades na capital.

Os trabalhos se desenvolveram no salão de Avellaneda. As paredes estavam decoradas com retratos de heroínas da história argentina e da guerra passada. Uma homenagem as personalidades femininas da Federação Democrática Internacional de Mulheres não foi esquecida, ressaltadas as figuras de Mme. Cotton, Dolores Ibaruri e Mme. Couturier. Todos os cartazes eram condizentes à vida da mulher e da criança. Enfim, uma decoração que denotava gosto e justiça.

DIREITOS DA MULHER

O Congresso resolveu para a MULHER TRABALHADORA, além de outros direitos, os seguintes:

- 1 — Solicitar à Câmara de Deputados que converta em lei o princípio de "igual salário para trabalho igual".
- 2 — Instalação de escolas técnicas de aperfeiçoamento para as operárias.
- 3 — Cumprimento da lei 12.921 que estabelece o salário vital móvel e extensão de seus benefícios.

MULHERES DO CAMPO

- 1 — Dirigir-se ao Congresso da Federação Agrária Argentina solicitando considere as justas reclama-

ções das operárias rurais.

2 — Pedir aos poderes públicos a construção de maternidades, hospitais, escolas rurais técnicas e ambulantes.

MULHERES PROFISSIONAIS

- 1 — Solicitar o direito a receber a justa retribuição de suas funções e possibilidade de obter os mais altos cargos nos institutos científicos, culturais, etc., na justiça e magistratura.

DONAS DE CASA, CARESTIA E FALTA DE MORADIA

- 1 — Solicitar aos poderes públicos que se baixe o custo do leite.
- 2 — Que o Governo Nacional se encarregue de adquirir e vender a carne a preço módico.
- 3 — Que se suspendam os despejos e se realize um censo de casas desocupadas para hospedagem das mães que vivem em promiscuidade.
- 4 — Que se construam casas populares nos terrenos de Casa Amarilla, Catalina, Parque dos Patrióticos, etc.

DIREITOS DA INFANCIA

Depois de longa discussão sobre esse magno problema, o Congresso apresentou especificadamente vários itens de proteção à maternidade e à infância e encerrou com o seguinte: "Para que tôdas as necessidades de nossos filhos sejam consideradas, propomos que se inclua na nova Constituição um Código da Infância, que contemple estes problemas."

Este o grande exemplo de luta que as nossas irmãs argentinas nos oferecem, numa ampla discussão de seus problemas.

A LUTA PELA PAZ

"Tôda a humanidade progressista luta pela paz". Foi assim que se expressou a sra. Fanny Edelman, secretária recruta da U. M. A. no seu discurso inaugural do Congresso.

A paz e o desarmamento dos instigadores de guerra foi um dos pontos altos durante os trabalhos do Congresso Feminino e todas acordaram, afinal, que cada mulher argentina fosse uma defensora consequente da Paz e que todo o apoio deveria ser dado à F. D. I. M., símbolo da vontade inquebrantável de 81 milhões de mulheres que com sua ação detendem a paz para a segurança dos direitos das mulheres.

SAUDAÇÕES

Durante o Congresso grande número de saudações calorosas chegaram às congressistas, não só provenientes da capital como de várias cidades. A Federação Democrática Internacional de Mulheres enviou também uma bela saudação, em nome das mulheres de 48 países a ela filiadas.

Neste momento, em que registramos esse acontecimento de elevada significação na vida das mulheres argentinas, MOMENTO FEMININO saúda às queridas irmãs do continente e deseja sejam realizadas tôdas as suas aspirações tão bem ressaltadas no Congresso.



Camponesas da Polônia trabalham a terra que defendem contra o invasor e a reconstrução da agricultura

DE NOSSAS GLORIOSAS AMIGAS ESPANHOLAS

União das Mulheres Espanholas — União de Mulheres de Catalunha — Comitê Nacional — 67 rua dos Archives — Paris 3.º — Para MOMENTO FEMININO. — Queridas amigas:

Não se passa um só dia sem que deixemos de chegar às nossas mãos notícias sobre o terror franquista contra as melhores filhas do nosso povo.

Encorajados pelo auxílio que lhes dão os imperialistas anglo-saxões, Franco e seu regime multiplicam o terror contra os homens e mulheres patriotas que desejam uma Espanha democrática e independente.

Acabamos de receber de uma prisão de mulheres na Espanha, uma longa carta na qual estas arrojadadas detentas políticas, muitas condenadas a 30 anos de prisão e que estão há 9 e 10 anos prisioneiras, denunciavam ao mundo os maus tratos a que estão submetidas. Esta carta constitui um grito de um canto tenebroso da Espanha encaçada pelo fascismo e estamos certas de que este grito servirá para levantar a opinião democrática do mundo, numa vigorosa campanha pela liberdade das mulheres e dos homens anti-fascistas presos por Franco.

Confiamos nas organizações progressistas de mulheres e temos a certeza de que elas nos ajudarão neste angustioso trabalho.

Há dias soubemos também que 4 mulheres de Barcelona foram presas e vão ser julgadas brevemente, acusadas de haver organizado a União das Mulheres de Catalunha. Estas anti-fascistas são: Mercedes Sans Avellano, Mercedes

Cota, Amparo Arrauz e Flora Martínez.

A União das Mulheres anti-fascistas espanholas dirige-se a vocês, pedindo-lhes ajuda para que sejam salvas estas quatro patriotas, contra as quais os juizes franquistas pedem 20 e 12 anos de prisão.

Propomos que se dirijam à próxima assembleia da O. N. U. que se realizará em Paris, pedindo aos seus delegados a liberdade para estas quatro mulheres espanholas e, ao mesmo tempo, para que sejam revistas as condenações de tôdas as prisioneiras políticas, que estão morrendo pouco a pouco nas horribéis prisões. Propomos que vocês apelem ao mesmo tempo e no mesmo sentido à "Capitania General" — Paseo de Colon, 14 — Barcelona — Espanha.

Recebam, queridas amigas, fraternais saudações das mulheres anti-fascistas espanholas.

Pela União das Mulheres Anti-Fascistas Espanholas — Pela União das Mulheres de Catalunha.

Franco investe contra a soberania brasileira

A prisão do jornalista Emmo Duarte repercute em todos os círculos nacionais — A imprensa, Casas Legislativas, estudantes e a população brasileira pedem o regresso de Emmo Duarte

Como é do conhecimento público, os protestos contra a injustificável prisão do bacharelado e jornalista Emmo Duarte, em Vigo, crescem, à medida que mais se reconhece quão arbitraria foi essa medida levada a efeito pelas autoridades franquistas, em verdadeiro desrespeito à soberania nacional.

O motivo alegado sobre prisão do jornalista até hoje não foi seriamente definido e as próprias notícias da imprensa são contraditórias. Apesar dessa situação, da interferência de nossas autoridades diplomáticas e da pressão popular e estudantil, o jornalista Emmo Duarte correspondente credenciado da "A-Notícia" foi jogada nas fronteiras

de Portugal. A classe estudantil a que o bacharelado em direito pertence está toda em protesto de norte a sul do país e não deixará de agir enquanto seu colega não for liberto. Até o Senado tomou atitude em favor da liberdade.

Ao lado desses protestos e condenando seriamente a atitude do governo ditatorial da Espanha de Franco, MOMENTO FEMININO se coloca em defesa da garantia de vida de Emmo Duarte, jornalista acatado nos círculos da imprensa brasileira, que regressava à Pátria, depois de serviços prestados à causa estudantil, na última embaixada brasileira em Paris.

LUIZ VERNECK DE CASTRO

ADVOGADO

Rua do Carmo, 49 - 2.ª - Sala 2. — Diariamente, de 12 às 13 e 16 às 16 horas.

Exceto aos sábados — Fone: 23-1054 —



RESPONDA AO NOSSO QUESTIONARIO

Lê nosso jornal

Que página prefere?

Gosta do Romance?

Que seção prefere?

Que coisas lhe interessam sejam publicadas?

Qual é a sua opinião?

Quais as suas sugestões?

Nome ou pseudônimo Cidade

Profissão Residência

CORTE E COSTURA

INSTRUÇÕES



Agora que vocês já sabem como cortar os moldes, é necessário que prestem muita atenção nestas instruções. Para que um vestido possa ser cortado e confeccionado perfeitamente é preciso:

Em primeiro lugar observe bem, antes de pegar na tesoura, se a fazenda tem direito e avesso. Muito cuidado com isso. Corte os moldes completos, blusa, saia, mangas etc. e coloque sobre a fazenda todos os moldes antes de cortá-la, para ver se a fazenda chega para o feitiço escolhido.

Estenda a fazenda ao comprimento, sem deixar dobras nem pregas. Coloque o molde certo: onde for fazenda dobrada tenha cuidado em colocar o molde na fazenda dobrada, observando o fio da fazenda: fio da fazenda é o que segue a direção da orelha.

Peças como manga, blusas abertas no meio da frente, casacos cujo corte seja igual para os dois lados, golas forradas etc. (peças estas que se devem cortar com a fazenda dupla) podem ser cortadas de uma só vez. Deve-se porém tomar muito cuidado para que não fique uma pelo avesso e outra pelo direito. Basta para isso que se coloque os dois lados da fazenda direito do tecido ao direito ou avesso com avesso.

Depois de cortadas as peças devem ser cuidadosamente alinhavadas a fim de se experimentar e acertar. Caso não esteja bem acentado, descose-se o alinhavo, cortando os pontos com a tesoura e pregase umas peças nas outras com alfinetes no próprio corpo. É preciso não confundir roupa apertada com roupa assentada. Depois que tiver acertado bem, alinhava novamente e torne a experimentar. Se estiver bom passas as costuras à máquina.

Não basta saber cortar é preciso saber costurar e arrematar um vestido. Nos tecidos mais leves, como sedas, linhos e tecidos de algodão, o acabamento deve ser feito com um chuleado fino. As costuras dos tecidos mais pesados lãs, brins, e os demais tecidos em seda, linho e algodão que tenham a espessura destes, devem ser debruadas com tecidos ou cadaço. Não se deve dobrar duas vezes as bainhas dos tecidos grossos, costura-se na ponta do tecido a embainhar um cadaço e faz-se a bainha com um ponto de cruz.

Quando as peças a confeccionar

tenham bolsos, aplicações para gola, ou recortes, etc. (isto geralmente se dá com os costumes, casacos etc.) eles se devem fazer depois de acertada a peça e antes de se costurar. Procede-se da seguinte forma: Aparam-se as costuras numa largura regular, aparam-se as beiras e a seguir preparam-se as aplicações dos bolsos, golas etc... e depois de terminada esta preparação é que se arma a costura definitivamente a peça.

Quando se aplicam peças pontadas como os recortes de saias, bolsos sobrepostos, tirinhas de enfeites etc. deve-se primeiro alinhavar cuidadosamente uma dobra de meio centímetro para o avesso, que se faz na peça a aplicar acompanhando todos os contornos, em seguida alinhavar a peça sobre a outra, destinada a recebê-la, observando que não se formem rugas e que uma nem outra fiquem repuchadas com qualquer defeito.

Conforme vai-se adiantando o trabalho, deve-se passar as peças a ferro a fim de assentar as dobras e costuras. Quando as dobras ou as costuras a assentar estiverem presas por alinhavos deve-se em primeiro lugar passar o ferro levemente a fim de não marcar as linhas do alinhavo no tecido. Tirados os alinhavos, passa-se então definitivamente.

Nunca se deve passar a ferro pelo direito do trabalho. Quando for impossível passá-lo pelo avesso, deve-se cobrir a parte a passar com um pano úmido: o ferro deve estar bem quente para que se dobras fiquem bem assentes, mas cuidado pois nas fazendas de cor o ferro não deve estar muito quente pois o calor altera a cor.

Deve-se tomar cuidado em não apertar depois os pontos, a fim de como alinhavar bem as bainhas antes de costurá-las para que não fique repuchando nem forme as chamadas "barrigas". Nunca se deve dar nós volumosos no princípio nem nos arremates das costuras.

Para debruados, viéses e tudo o mais para que seja necessário deve-se empregar fazenda enviezada. Só poderão ficar bem feitos se o viés for perfeito, acerta-se a fazenda pelo fio nos dois sentidos (direito e atravessado) dobra-se como um lenço, e corta-se pela dobra. O viés assim obtido não torce, não repucha nem se deforma, e acompanha com muito maior facilidade qualquer contorno, porque qualquer tecido assim enviezado se torna muito flexível. Não se deve usar agulhas tortas, pois o trabalho se torna irregular. Use fios de linhas curtas para evitar que se embaracem e dêem nós e para não arrebentar ao passar muitas vezes pela fazenda.

Na parte B desta lição, no próximo número, publicaremos as instruções indispensáveis da costura à máquina.

MODELOS ARGENTINOS



Almoço para quarta-feira

por DALILA

INGREDIENTES:

Carne, batata, ovos, verdura, sardinha, feijão e arroz. Corte a carne em bife de 1/2 cent., ponha sal e alho moído; deixe ficar meia hora, descasque algumas batatas grandes e corte em fatias finas e frite em banha muito quente e quantidade suficiente para as batatas fiquem cobertas até fiquem enchutas e amarelinhas.

Unte a frigideira com um pouco de manteiga; quando estiver bem quente passe os bifes ligeiramente para ficar corados e vá arrumando numa travessa, ponha um pouco de banha e uma colher de manteiga na frigideira, quebre alguns ovos de persi e vá pondo em cima de cada bife; ponha as batatas fritas em volta na travessa, é um prato bonito e nutritivo.

Tire a espinha de algumas sardinhas, ponha um pouco de sal por alguns minutos; enxugue com um pano limpo, passe um pouco de farinha de mesa, para secar bastante e frite em banha bem quente com um pouco de azeite doce, arrume numa travessa deixando espaço para por um pouco de bertalha que já deve estar cosida, bem machucada, passada num refogado de tomate, cebola, salça, etc. ou em manteiga, conforme o paladar.

Feijão mulatinho e arroz solto. Sobremesa: Mamão ou maçã assada.

Qualquer dúvida escreva para Dalila — MOMENTO FEMININO.





Niterói apresenta Maria Felisberta Trindade candidata da Comissão Juvenil e da Comissão Feminina ao título de Rainha do Petróleo

DE NITERÓI (Da Correspondente)

Ao passarmos pela praça Martin Afonso, dia 17 de setembro próximo passado, encontramos ali um grupo alegre de estudantes, reunidos para colocar entre dois postes do ponto mais central daquela praça, uma grande faixa de propaganda da conferência que fez o Engenheiro Fernando Lobo Carneiro no salão da Academia de Letras, sobre o magno e empolgante problema do petróleo brasileiro. Conferência que foi organizada pela Associação Fluminense Estudantil (AFE).

No seu patriótico entusiasmo, os estudantes, entre frases de espírito e rizadas felizes, trabalhavam heróicamente e democraticamente. Uns carregavam a grande escada em que logo depois outros subiam, para esticar a enorme faixa, que outros haviam pintado, com todo carinho. Faixa que era uma advertência ao povo sobre a natureza e finalidade da campanha do petróleo, em cuja defesa os estudantes de Niterói se empenham de corpo e alma. Ali estavam irmanados, estudantes ricos e pobres, rapazes e mocinhas, loiros e mulatos, universitários e ginasianos. Todos sem preconceitos vaidosos, empenhados cada qual numa parcela de colaboração.

Foi quando conhecemos a graciosa candidata ao título de rainha do petróleo em Niterói, apresentada por duas comissões, a Feminina e a Juvenil (que cartaz!). É ela Maria Felisberta Trindade, formo-

sa moreninha de dezoito anos, que faz o curso clássico no Instituto de Educação e pretende depois, estudar Direito. Inteligente, simpaticíssima, a encantadora jovem não se furtou a uma ligeira troca de palavras com a repórter de o MOMENTO FEMININO. Perguntamos-lhe por que era candidata de duas comissões (e essa pergunta foi realmente tola, pois toda gente bem sabe o porque). Ela a sorrir nos disse: — "Não sei. Creio que foi por engano..." Logo uma onda de protesto se fez ouvir dos seus esforçados cabos eleitorais. E ficamos sabendo que Maria Felisberta é uma lutadora infatigável, que não falta aos comícios em defesa do Petróleo do Brasil, nem às festas de finalidade patriótica, da UFE ou da AFE, com as quais colabora ardorosamente, em campanhas de finanças pelo bem coletivo dos estudantes fluminenses. E ainda, que Felisberta está quase sempre integrando as equipes que por toda a cidade faz pinturas murais, colagens de cartazes e outras formas de propaganda, da vigorosa campanha em defesa do nosso ouro negro.

Sua modéstia encantadora, sua simplicidade, sua beleza e, sobretudo, sua inteligência esclarecida, fazem jus efetivamente ao título glorioso de RAINHA DO PETRÓLEO, que aliás é glorioso porque é do petróleo. E do petróleo do Brasil, bem entendido...

O retrato de Maria Felisberta figura hoje em nosso jornal para que nossas leitoras de Niterói a conheçam bem e não deixem de sufragar o seu nome no pleito que se vem desenvolvendo animadamente. Das demais candidatas, desta cidade, daremos notícia pormenorizada no próximo número.

Viagem através do Petróleo

PRIMEIROS SERVIÇOS PRESTADOS

Foi na velha China, na China milenar e sábia onde primeiro ocorreu a ideia de estudar o petróleo, a fim de poder torná-lo útil.

Lá se iniciou a exploração do ouro negro.

Um imperador da dinastia chinesa lembrou-se de tirar o sal da terra. Engenheiros chineses estudaram o solo, perfuraram-no e extraíram de suas entranhas o sal.

Muitas das vezes, em lugar do sal, encontraram um líquido escuro e fétido. Depois de estudos resolveram aplicá-lo com fim econômico para iluminação e para práticas medicinais, mormente no caso de moléstias da pele.

Para perfurar a terra valeram-se de técnica notável, que quase iguala a usada hoje em dia.

Há dois mil anos atrás abriram e trabalharam em 640 poços, alguns deles com mais de mil metros de profundidade, com instrumentos muito semelhantes aos atuais, manejados por grupos de operários que se revezavam de 10 em 10 minutos, auxiliados por juntas de bois.

Na Índia também foi usado o petróleo para fins de iluminação e na velha Babilônia o aplicaram para pavimentar as principais ruas da cidade. Usaram-no ainda os médicos gregos e, mais tarde, os romanos, para fins curativos e místicos.

Séculos depois do trabalho verificado na China, os sacerdotes do oriente que professavam a religião do fogo, já agora desenvolvida e organizada, com muitos templos espalhados pelo Irã, resolveram impor tributos aos fiéis que viam adorar o fogo e com isso cresceram em poder e força, até que os exércitos do Islã invadiram a região, saquearam-na, destruíram-lhe os templos e subjugaram o seu povo.

Por fim, o fogo extinguiu-se.

Ali só ficou Bakú, pequena cidade onde o petróleo jorra incessante, e alguns povos nômades e miseráveis, sujeitos ao regente que os árabes lá deixaram, para zelar pela terra conquistada.

Que fez o regente para tirar algum proveito de seus domínios?

As tribus eram atrasadas, nada tinham de seu; a terra era pobre. Agricultura e comércio, pois, eram quase inexistentes. Partura só havia daquele líquido oleoso e de odor desagradável, que se inflamava à toa. O remédio era torná-lo aproveitável como fonte de luz.

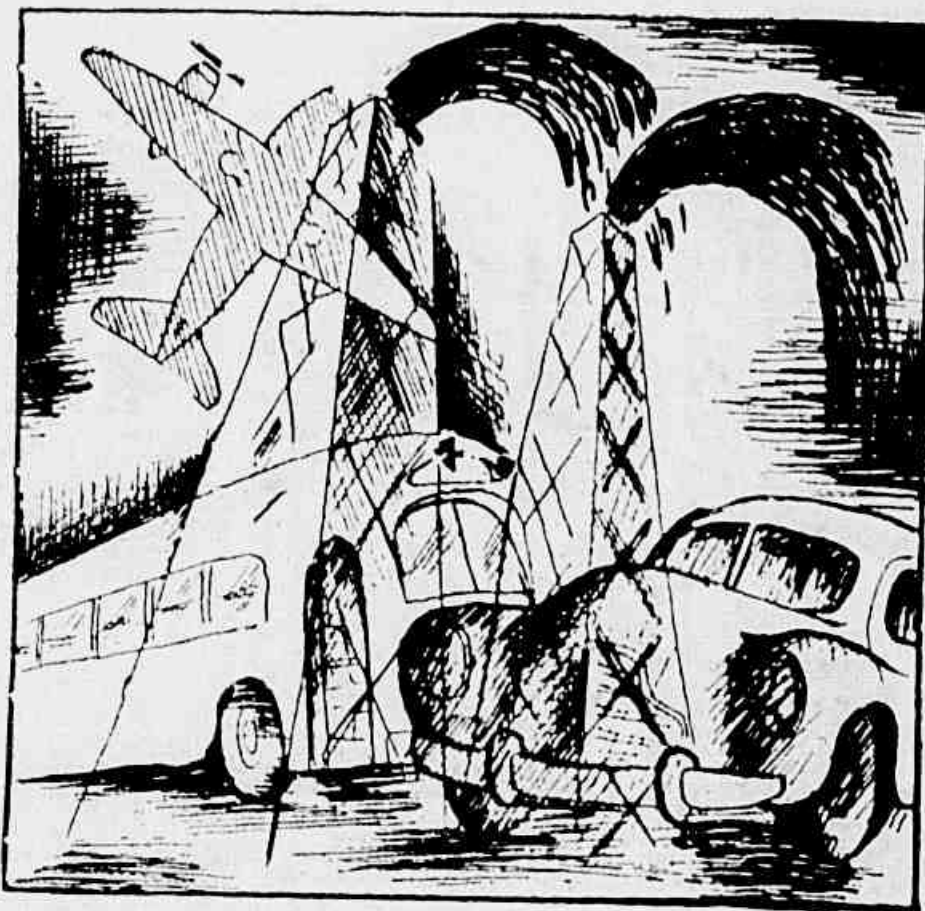
Assim, por ordem do Khan, o regente de Bakú e adjacências, foi instalada uma oficina para destilar o óleo. O processo usado era muito primitivo e imperfeito, mas dele saíu querosene, um petróleo trabalhado, que daí por diante iria alimentar as lâmpadas de óleo dos lares mais prósperos.

Tempos depois enviou o Khan ao Imperador Pérsia uma lâmpada de querosene. O soberano se entusiasmou e dá-lhe concessão para a venda do petróleo por todo o país, reservando para si o privilégio da construção de lâmpadas. O Khan aceitou o acordo e começou a negociar sem temer concorrentes, pois o processo de destilação era secreto.

Em breve declaron todo o petróleo da região propriedade do Estado.

Desse modo, assegurou o progresso do país e o desenvolvimento de sua corte, onde festas grandiosas passaram a alegrar as noites. Não se esqueceu também de formar um grande harem, que povoou de mulheres belas e jovens.

Monopolista que era, o precursor dos atuais imperialistas, fez subir o preço



do óleo bruto destilado: o querosene, e aqueles que desejavam ter boa luz em seus lares tinham de pagá-la cara.

Aos pobres eram as lâmpadas a óleo inacessíveis: consumido o povo, em geral, o óleo bruto, que lhes dava luz minguada e escura.

O primeiro Khan tornou-se muito rico e seus sucessores continuaram a prosperar, com o negócio de lâmpadas e com a exportação da nafta, em boiões de pele de carneiro, para as regiões vizinhas.

Tanta fartura teria que despertar a cobiça em seu redor. E assim se deu, com efeito.

Por volta de 1805, um general do Tzar da Rússia imperial, procurou Hassan Kuli Khan, o último senhor de Bakú, para comunicar-lhe que seu soberano exigia a entrega da cidade. O

Khan ouviu-o atencioso e afável e, de súbito, tira a espada e crava-a no peito do audacioso estrangeiro.

Um ano mais tarde, porém, sua morte é vingada por um grande exército do Tzar, que invade Bakú e se apossa de seu território.

Nosso herói, o Khan, sem vocação para grandes gestos, fez o que lhe pareceu melhor: tomou um veleiro e imigrou para a Pérsia.

Com ele sumiram as lâmpadas de querosene cujo segredo da destilação não fora revelado.

A resplendente Bakú começa sua decadência e as velas tornam a iluminar, com sua luz frouxa e incerta, as longas noites daquela pobre gente.

Eis um pouco da história dos primeiros contatos entre o Homem e o Petróleo, o rei da era em que vivemos.

ANA

Todos nós andamos em busca de uma "Terra da Promissão". É uma espécie de símbolo para os nossos anseios, para as nossas esperanças.

E, hoje, relendo velhos poemas, encontro algumas linhas que escrevi, há muito tempo:

— Minha vida andou vestida de andrajos,
invejando a roupa das donzelas amadas.
E nem teve sapatos para os cansados pés,
que palmilharam os mais ásperos caminhos...
E nem pôde dormir e nem pôde repousar,
riscando, noite e dia, a "Terra Prometida". —

E, assim, Cada um de nós caminha em busca de alguma coisa. E as mulheres, de uma maneira organizada, passaram da fase da busca: encontraram seu caminho (Todos nós o encontramos, um dia). É áspero, não resta dúvida. Algumas terão que acordar mais cedo, para que os lares domésticos, não sejam prejudicados. Outras deitar-se-ão mais tarde. Mas, todas estarão nas frentes de combate.

Eu as vi na União Nacional dos Estudantes, no Congresso de Defesa do Petróleo do Distrito Federal, falando de Paz e de Petróleo, numa tarde de domingo. Eu as vi guardando com seus corpos, com as suas mãos, a riqueza dos filhos, a independência da Pátria. Eu as vi destruindo todas as armas de guerra, com aquela determinação de empôr a paz à meia duzia de assassinos. Vieram de longe e batiam palmas. Desceram dos trens da Central. Lá dos lados de Campo Grande, de Santíssimo, de Senador Camará, onde os grileiros querem arrancar, da boca das crianças, a colheita abençoada do trabalho. Outras vieram da Gávea, onde foram construídas 24 casas, para abrigar milhares de famílias. Vieram da fome, da miséria, do desabrigo, da doença, do analfabetismo. E encontraram seu caminho. O caminho da Terra Prometida.

As palavras da teelã da Fábrica Carleca soavam como pancadas de velhos teares. E as da mocinha de tranças pediam escolas. As palmas das funcionárias reclamavam crèches. Todas as palmas gritavam e exigiam a Paz.

E sobre o mar azulado e tão sereno da maravilhosa baía da Guanabara, buscavam o resto do Brasil. Buscavam as mulheres do Norte, de vista gasta na confecção de rendas tão bem feitas e tão mal pagas. Buscavam as mulheres do sul, exploradas nas plantações e nas fábricas.

E a noite vinha chegando... Elas se davam as mãos: brancas, pretas, caboclas, velhas e crianças. Arrastavam os poços de petróleo. Em Candelas. Em Lobato. Onde quer que haja o ouro negro. Naquela noite foram elas que acenderam as estrelas com o Petróleo do Brasil. Por isso, é que brilhavam tão intensamente. Vocês não notaram o brilho das estrelas?

Mais duas linhas de um velho poema:

— E a Terra Prometida estava no cimo das montanhas,
numa mistura azulada de verde e de infinito... —
As mulheres subiam a montanha, sob a luz das estrelas.



Encerrado o Congresso de Petróleo no Distrito Federal

Alta compreensão nos trabalhos — Entusiasmo e patriotismo. — Calorosas manifestações ao coronel Carnaúba — Moções de confiança e votos de louvores aos generais que lideram a campanha

Os trabalhos de encerramento do Congresso do Petróleo no Distrito Federal foram encerrados no dia 27 do corrente, às 20 horas, no salão nobre da U. N. E., após 3 horas de discussão e aprovação de propostas e teses anteriormente apresentadas.

Sob a presidência do general Horta Barbosa, presidente de honra do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo, compuseram a mesa, além de outras personalidades, os generais Raimundo Sampaio, Leão de Carvalho, coronel Felicitissimo Cardoso, sr. Hildebrando Horta Barbosa, vereadores Breno da Silveira e Acioli Lima, capitão presidente da Associação dos Ex-Combatentes, deputado Boiteux, engenheiro Lobo Carneiro, sr. Alice Tibiriçá.

Os trabalhos correram com o entusiasmo de sempre e formalidades indispensáveis. Foram lidas muitas moções e telegramas de solidariedade e protesto aos atentados da Praça Marechal Floriano provindos de todo o país além de outras comunicações prestadas pelo 2.º secretário.

O sr. Lobo Carneiro conduziu os trabalhos da assistência, prestando esclarecimentos, analisando o regimento interno e passando a palavra a vários delegados que ainda desejassem utilizá-la.

PRESIDENTES DE HONRA ACLAMADOS

Por proposta da assembleia foram aclamados presidentes de honra da campanha os srs. governadores Ademar de Barros, Milton Campos e Walter Jobim, todos convidados para a solenidade de instalação da grande Convenção Nacional do Petróleo.

Resaltou-se a patriótica atitude do governo de S. Paulo, que acaba de oficializar a campanha, inaugurando-a com uma semana programada de trabalhos em favor da exploração nacional dessa nossa poderosa riqueza.

O dr. Lobo Carneiro explicou à assembleia que inúmeras foram as propostas surgidas durante os trabalhos, para que o general Horta Barbosa voltasse a dirigir o Conselho Nacional do Petróleo mas, agradecendo essa confiança do povo carioca, o ilustre general solicitava a retirada dessa proposição, porque não aceitaria novamente o cargo. Sob grandes aplausos a proposta foi transformada em um voto de louvor e confiança ao general Horta Barbosa, pela maneira com que vem conduzindo a já vitoriosa campanha do petróleo brasileiro e por sua atuação anterior no S. N. P.

Também, a assembleia de pé e vivendo o coronel Carnaúba, votou o louvor a esse grande batalhador, pela maneira patrioticamente indeclinável com que se portou durante os últimos acontecimentos policiais da Praça Floriano.

OUTRAS MANIFESTAÇÕES

As manifestações de solidariedade e confiança eram levantadas com entusiasmo e justiça, todas atendidas sob as palmas da assembleia. Dentre elas se destacaram as dirigidas à sr. Alice Tibiriçá, que bem simboliza o heroísmo e luta da mulher brasileira, estendida à Madame general Sampaio, presidente de honra da Comissão Feminina em Defesa do Petróleo, bem como a dirigida aos presidentes da C. N. E. P. e à sua comissão diretora.

A sr. Maria Portugal, delegada da Câmara Municipal, ofereceu um hino ao petróleo, de sua composição e um popular de Jacarepaguá ofereceu um samba, para a popularização da campanha, a ser inaugurada no comício de encerramento do Congresso.

Sob proposta da mesa foram aclamados sócios honorários da C. N. E. P. os precursores da campanha do petróleo, srs. Oscar Cordeiro, Otávio Brandão e Jocelyn dos Santos.

Assim, sob o mais vivo entusiasmo foram encerrados os trabalhos do 1.º Congresso do Petróleo do Distrito Federal, entoando-se, afinal, o Hino Nacional e dando vivas ao Brasil, aos Generais do Petróleo e à Democracia Brasileira.



Joana Langone, candidata de Nilópolis à Rainha do Petróleo
Joana conta com uma cerrada votação

ADESÃO DA ASSOCIAÇÃO FEMININA DE TAUBATÉ AO CENTRO DE ESTUDOS E DEFESA DO PETRÓLEO

Ressoa estridulo e incessante, de Norte a Sul, o som do clarim, concludando todos os brasileiros para a sacrossante cruzada em defesa das nossas jazidas petrolíferas.

O poderoso inimigo, lança para todos os lados, os projéteis de suas baterias: dólares e mais dólares, são atirados por essas baterias, sobre as trincheiras da consciência cívica dos brasileiros.

Fortificados, porém, pelo amor pátrio, de Norte a Sul, os verdadeiros filhos do Brasil, organizam-se em defesa da nossa emancipação econômica e da soberania nacional, tão ameaçados pela sanha voraz dos trusts e indecisão criminosa de certos mans brasileiros.

Somente os fracos, os hipócritas, os indignos, são atingidos pelo fogo inimigo.

O brado de comando dos patriotas Afonso Pimenta, Rafael Correia, João C. Horta Barbosa, Luís Hildebrando, Artur Bernardes, Artur Carnaúba e tantos outros heróis, acompanhados do que há de mais sã na pátria brasileira, abafa os gemidos desses poixos e infelizes calabares. O Brasil avança numa arrancada heróica que passará com a história, pulverizando o ouro do abutre e cimentando as bases de um risinho porvir.

A Associação Feminina de Taubaté, que conta em seu seio, o que há de mais puro na luta por uma pátria livre e forte, não podia ficar indiferente; não podia pôr-se ao lado dos tímidos e dos vendidos.

Ela aqui está perfilada ao lado dos bravos comandantes, para receber suas ordens e marchar com impavidez até alcançar a vitória final! A vitória do Brasil!

Ela espera que nenhum taubateano se conserve criminosamente indiferente. Terra de Monteiro Lobato, terra que tem filhos no Cemitério de Pistoia, heróis de Montes, Monte Castelo, Castel Nuovo, não pode ter traidores!

Esses seus filhos, lá de além túmulo, estão ansiosos e segredam aos vossos ouvidos — Avante meus irmãos!!! Avante que a vitória é certa e segura e se quereis prestarg-nos uma significativa homenagem, continuai a batalha que encetamos, para a grandeza da Pátria estremecida.

Avante pois taubateanos, avante irmãos de Monteiro Lobato; de José Vicente de Paula, de Tenório Francisco Ribeiro e outros heróis de Monteziel!

Avante para a glória de nossa Pátria, para a grandeza do Brasil!
Fanny Bueno dos Santos
Leatrice Alves Correa Costa
Marieta Alves Corrêa
Elza Moreira Orta
Bartira Toledo Aguiar
Celina Turra
Dulce Ortiz Batalha
Guimar Lopes Ferraz
Conceição Pio Orta
Vicentina Prado Costa
Esther Bueno
Ruth Bueno dos Santos
Noêmia da Silva Carvalho
Maria Porfírio de Toledo
Maria Rezende Caldas
Rosa Rogazine Villata
Maria Machado
Maria Aparecida de Oliveira
Olga Teles
Iracema Antunes Lobato
Benedita Lopes da Silva
Maria de Lourdes
Maria José de Lima
Maria Rita Machado
Helena dos Santos
Taubaté, 4 de Setembro de 1948.

NOTICIÁRIO

Realizou-se em 7 de setembro, em Catalão, S. Paulo um comício em defesa, do nosso petróleo. Vários oradores se fizeram ouvir e entre eles os srs. João Neto de Campos, prefeito da cidade, do Tarsis Campos advogado, Jorge Abrão Gibrim, estudante, Gibrail Alves Abud, professor e Cipriano Mesere, construtor.



O bairro da Saúde apresentou como candidata à rainha do Petróleo a senhorita Yerecê Zambrano, aluna do Colégio Jurema

ANA MONTENEGRO

O sangue vai correndo nas entranhas da terra...
E, enquanto corre, as histórias se escrevem:

— Dos homens sofrendo nos cárceres frios.
Do chicote cortando o corpo dos bravos.
Das lutas heróicas às margens dos rios.
A's portas da cidade. A' sombra das noites.
A' luz das madrugadas. Ao calor dos dias.
Da vitória cantando na boca dos jovens.
Das vermelhas rosas florindo em profusão,
nos muros das aldeias. Nas ruínas dos palácios.
No colo das mulheres. Nas mãos dos operários.
Da terra que se estende, queimada, viva e nua,
Os homens vão abrindo as veias entumescidas.

E o grito rolando: E' NOSSO O PETRÓLEO!
Nas frestas estreitas das casas proletárias.
No abandono dos bairros. Na miséria dos morros.
Nas senzalas do campo. Entre colonos pobres.
Nas estradas de ferro, com o apito das máquinas.
Penetrando, sem medo, bem no fundo das minas.
Acompanhando as procissões da morte, nas estradas do norte.
Nos portos, misturado com o marulhar das águas.
Nos porões dos navios entre milhões de caixas.
Nas matas do Amazonas. Nas coxilhas do sul.
Na voz das cachoeiras, imitando os trovões.
Nas cantigas bonitas dos homens do mar.
Nos rolos de fumaça da garganta das fábricas.
No ruído, no asfalto, nas luzes das cidades.
Nos nove mil quilômetros das costas coloridas do Brasil.

E o grito rolando: E' NOSSO O PETRÓLEO!
Através dos mares, em terras distantes.
Acordando a ambição dos senhores da guerra.
Eles vieram em pássaros de aço,
enchendo de terror a face azul do espaço.
E vieram em navios, ligeiros como o vento,
desfraldando a bandeira pirata dos "trusts" estrangeiros.
Trouxeram nas mãos as moedas de ouro.
— Preço da escravidão dos falsos traidores.
Mas, o sangue da terra é o sangue do povo.
E' o pão das crianças. O futuro da Pátria.

E o grito rolando: E' NOSSO O PETRÓLEO!
Chamando os heróis das páginas da história,
Chamando as mulheres, em nome da paz.
Os homens de longe. Os moços valentes.
Os índios, os brancos, os negros, os caboclos.
E fogem os traidores, nas sombras da noite.
Fugindo. Fugindo. E o grito rolando.

O sangue vai correndo nas entranhas da terra.
O sangue da terra é o sangue do povo.
O pão das crianças. O futuro da Pátria.
E o grito rolando: E' NOSSO O PETRÓLEO!

O problema do transporte escolar

em frotas de ônibus especiais, a exemplo do que fazem algumas escolas particulares (só para ricos), porque isso acarretaria despesas enormes, e sabemos quanto o governo se toma de zêlos pelo erário público, quando se trata de despende alguns milhares de cruzeiros em benefício do povo.

Para desmentir esse zêlo, poderíamos citar uma infinidade de empreendimentos de valor puramente demagógico, como a compra do Palácio das Laranjeiras, o crédito de trezentos milhões de cruzeiros para obras santuárias no Palácio Guanabara, as obras de construção do pomposo Estádio Municipal, a contratação de estátuas, o lago magnífico da Praça Saenz Pena, a compra de girafas para o Jardim Zoológico, etc., empresas de caráter turístico perfeitamente adiáveis.

Entretanto, imensamente fácil será ao governo resolver a questão do transporte escolar, desde que o anime o propósito honesto de atender às reivindicações do povo.

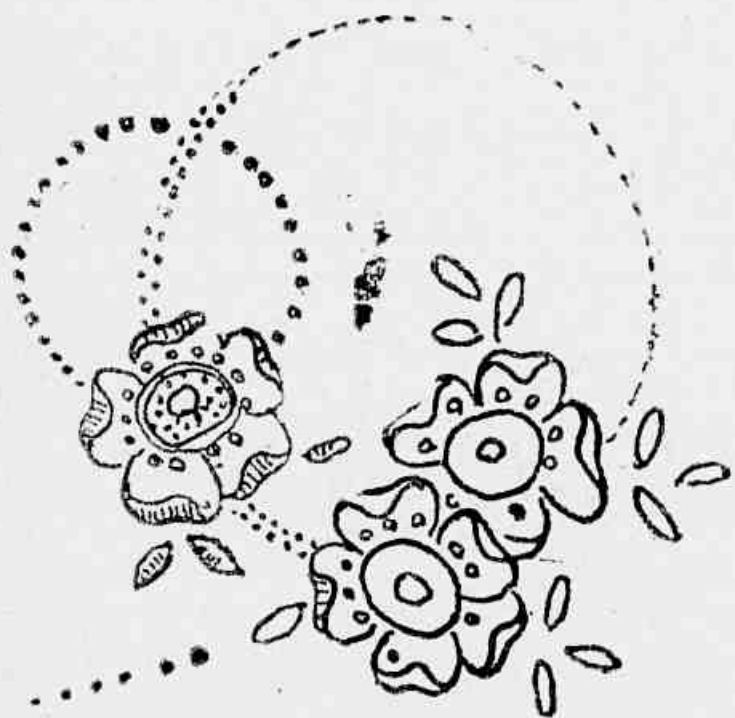
Várias medidas poderiam ser tomadas nesse sentido:

1 — Obrigar a Light, empresa que canaliza, anualmente, lucros fabulosos para os bancos canadenses, a fornecer bondes especiais em vários bairros, atendendo, assim, ao transporte de colegiais para numerosas escolas situadas no mesmo percurso, a exemplo do que já se fez durante algum tempo em relação aos alunos do Instituto de Educação, com um bonde que partia da Praça da Bandeira até o Meler.

2 — Fornecer passagem gratuita nos bondes da Light, mediante contrato com a Prefeitura, para os colegiais de curso primário e secundário, o que aliviaria, sobretudo, os magros rendimentos do povo carioca já tão assoberbados pela crescente carência da vida.

Cabe ao povo, e em especial, aos pais e responsáveis pelas crianças em idade escolar, unirem-se, organizarem-se em comissões, nos vários bairros do Distrito Federal, e endereçarem às várias casas do Congresso, apêlos insistentes no sentido de resolverem esse magno problema em prol da criança brasileira, em prol da cultura nacional.

MARIA AMÉLIA



Um dos problemas que mais afligem o povo carioca, dentre os inúmeros problemas que tornam a vida cada dia mais penosa, é, evidentemente, o do transporte.

Bondes, trens, ônibus, automóveis, trafegam superlotados, em todas as horas do dia, para o centro ou para os bairros, sem dar vazão à imensa população que se locomove nas ruas.

Não sabemos de medidas empreendidas pelo governo para sanar ou atenuar esse grave problema, como de resto, não sabemos de nenhuma medida em prol da melhoria de condições do povo brasileiro, levada a efeito pela atual administração.

No que tange, entretanto, ao transporte escolar, é necessário, e urgente que se tornem medidas imediatas que venham solucionar, pelo menos, em parte, esse angustiante problema.

Já que o número de escolas é a larmanente precário atender à população infantil em idade escolar, obrigando os pais a matricular seus filhos em locais distantes da residência, ou então deixá-los analfabetos em casa, que se faça, pelo menos, alguma coisa no sentido de atenuar esse mal.

Nenhum espetáculo é mais conflagrador do que aquele que se assiste diariamente, pela manhã e à tarde, quando os pequenos colegiais, como bandos de passarinhos alacres, procuram um vauzinho de banco nos bondes superlotados, afilados por não chegarem atrasados às escolas, uns sós, outros acompanhados das mães que deixam os afazeres caseiros, num sacrifício cotidiano, para não privar os filhos pequeninos das luzes do saber. Uns, mais afoitos, deixam-se ficar pendurados nos estribos, como pingentes, sob as vistas indiferentes dos adultos, aos empurrões, arriscando-se a acidentes quase sempre fatais.

Esse fato atesta o descaso absoluto das autoridades competentes pela infância brasileira. Não há carinho, não há cuidado, não há preocupação pelo bem-estar de nossas crianças. O governo limita-se a oferecer umas tantas escolas mal aparelhadas, sem fornecer à criança um mínimo de condições que lhe facilitem o acesso a essas escolas.

Não nos animamos a falar aqui

A história do dissídio coletivo dos comerciários... é realmente uma história... longa e nada limpa! Desde janeiro deste ano, que se fala em aumento dos comerciários... E assim que se começou a falar em aumentos, a diretoria do Sindicato dos Comerciários, tendo a frente, o sr. Nelson Motta, resolveu que devia haver "dissídio coletivo".

Começaram as conversações entre os sindicatos de empregadores e empregados... Discutem daqui, discutem dali, e nada! Os patrões sabiam muito bem que Nelson Motta trabalhava para eles e que, fatalmente, iria no dissídio.

Assim... quando chegou janeiro, ninguém recebeu aumento! Para que, se o dissídio vinha mesmo?

A 23 de maio, Nelson Motta, com o sr. contristado, declarava aos jornais: "Agora só resta uma coisa... confiar na Justiça do Trabalho. Faço um apelo para que a classe se mantenha tranquila e ordene e aguarde os resultados das atividades do Sindicato, que se empenhará no sentido de obter da Justiça do Trabalho, rápido andamento do processo. (O grifo é nosso)."

A GALINHA ANTES DOS OVOS

Assim falava Nelson Motta, antes mesmo de saber o que pretendiam os comerciários. Com isso, permitia aos patrões não aumentar mais os salários e não atender mais às reclamações de seus empregados... o dissídio vem aí!

Dia 28 de maio, Nelson Motta conseguiu afinal reunir cerca de 200 comerciários no Sindicato, e quase sem deixar ninguém discutir, foi aprovada a tese do dissídio coletivo. Embora tivesse afirmado que o Sindicato procuraria obter rápido andamento do processo, a 3 de junho, o advogado do Sindicato, Onetti de Figueiredo, da mesma "turma" de Nelson Motta, declarava aos jornais que custaria no mínimo 6 meses... o mais certo, porém, era demorar um ano! Eis os andamentos "rápidos" do Sindicato.

DO QUE CONSTAVA A PETIÇÃO DO DISSÍDIO

A petição do dissídio é longa, bastante longa. Mas podemos destacar os seguintes pontos:

1 — O Sindicato dos Empregados do Comércio do Rio de Janeiro, vem suscitar um dissídio coletivo contra os sindicatos (da relação de todos os sindicatos patronais) — para efeito de serem compelidos os representantes desses Sindicatos, a aumentarem os salários de seus empregados na base de 80% (oitenta por cento) sobre o ordenado constante da carteira profissional, em 31 de maio p. findo.

2 — A petição especificava como deveriam ser dados os aumentos e justificava dizendo que os comerciários podiam perfeitamente pagar o aumento.

3 — Terminando a petição, alegava: "Não é justo, portanto, que desfrutando a classe empregadora de lucros extraordinários excessivos, os seus leais e dedicados auxiliares, que concorrem com a sua colaboração para aquele fim, continuem a lutar com dificuldades de ordem financeira, não podendo proporcionar à família o conforto que os princípios de humanidade reclamam, e aos filhos, a educação necessária para a luta pela vida."

PALAVRAS BONITAS — E O RESULTADO?

A 10 de agosto, o sr. Nelson Motta, prestava novas declarações aos jornais:

"Estamos prontos para fazer um acordo com a classe patronal, mas só nas bases da decisão do Tribunal Regional do Trabalho. Não aceitaremos nenhuma redução nas percentagens fixadas, que já são, aliás, bem inferiores às que pleiteamos. Vejamos agora, quais foram as percentagens aceitas pelo sr. Nelson Motta."

1 — Aumento de 45% sobre os salários até mil cruzeiros. De 40% sobre os salários de mil a 1.500; 35% de 1.500 a 2.000; de 30% de 2.000 a 3.000; de 25% de 3.000 a 4.000; de 20% de 4.000 a 5.000; 15% de 5.000 a 5.500, decrescendo 5 por cento sobre cada 500 cruzeiros.

2 — O aumento vigorará de hoje (data da prolação do dissídio) e o cálculo de majorações terá por base os salários em 28 de novembro de 1946, quando se verificou o aumento anterior.

3 — Este aumento será integral para os admitidos até 28 de novembro de 1946 e de menos 33% para os admitidos depois dessa data até o presente.

Assim, poucos serão os comerciários que terão um aumento maior de 15%. Sim, porque os aumentos feitos depois de 1946, serão descontados e, como grande parte dos comerciários entrou para as firmas depois de 46, terão apenas 15%.

NILSE (Comerciária)

ENQUANTO ISSO...

Enquanto isso o sr. Nelson Motta continua a falar em nome da classe dos comerciários. O que tem feito afinal o sr. Motta na diretoria desse sindicato? Já inaugurou por acaso a nova e suntuosa sede do mesmo? E o Hospital do sindicato em que ficou? Por ora, existe apenas um ambulatório médico, que não dá para as encomendas... Os comerciários não tem restaurante, isto é, existe o do Instituto dos Comerciários, mas que não dá para as encomendas.

E é o caso de se perguntar, o que feito do Imposto Sindical, o que faz o sr. Nelson Motta com o dinheiro dos seus associados... Mas esta já é outra história. Por enquanto ficaremos apenas no dissídio.

VAMOS FAZER ALGUMA COISA

É claro que uma das soluções para esse caso, é substituir completamente a diretoria do Sindicato dos Comerciários. Precisamos participar da vida do Sindicato e eleger uma diretoria que realmente defenda nossos interesses. Desde já, porém, devemos nós, os comerciários protestar contra o atual dissídio do Tribunal Regional do Trabalho, exigindo que sejam mantidos os 80%. O aumento dos salários dos comerciários, é inadiável!

Vítimas de Deodoro recebem carinhoso amparo das mulheres organizadas

A vista da trágica situação em que se encontram as vítimas da explosão de Deodoro, resolveram as Unões em conjunto com o Instituto Feminino, um grupo de funcionárias do I.A.P.I., fazer uma campanha para auxiliar as vítimas e suas famílias. Fez-se uma coleta, que rendeu um total de Cr\$ 15.610,00, aplicados em gêneros de primeira necessidade e cobertores, que foram distribuídos em casa das vítimas em três visitas feitas pelo Instituto Feminino, grupo de funcionárias e União Feminina de Madureira.

Nessas visitas constataram as mulheres a miséria em que vivem estas famílias, e o descaso das autoridades pela trágica situação das mesmas, que na maioria dos casos perdeu o arrimo do seu lar.

Houve também uma reunião das famílias na UFM com a presença de funcionárias do I.A.P.I., onde foi feita outra distribuição, ficando aí decidido que as famílias das vítimas iriam reunidas fazer um apelo à Câmara Federal no sentido de que lhes fosse concedida indenização e pensão por terem perdido aqueles que trabalhavam para mantê-las.

Esta reunião ficou marcada para quinta-feira, dia 23, às 14 horas, à rua Santa Luzia 178, onde se falaria também com o advogado das vítimas.

DISTRIBUIÇÃO FEITA:

Maria Conceição, Rua Irmirim n. 22, Cavalcanti — Família de 7 pessoas, levou gêneros e tecidos.
Dulce Maria dos Santos — Rua Iracema, 562, Olinda — Família de 2 pessoas levou tecidos e gêneros.
Ambrosina Miranda Muniz, Rua Ananias, 982 — Levou Cr\$ 200,00, tecidos e gêneros.

Marieta de Oliveira, rua Irmirim, n. 24 — 7 crianças, gêneros, tecidos e Cr\$ 150,00.

Maria Lina de Melo, rua General Azeredo, 609 — 4 crianças e 4 adultos. Gêneros e roupas.

Antonietta Silva de Oliveira, rua Pescadore Josino, 13, Madureira Teclidos.

Joaquina Ferreira Lima Brasil, rua Piracuera, 52 — 4 pessoas. Levou fazendas.

Maria Trindade Pinto, Estrada Rio do Pau, 177. Gêneros. Cr\$ 50,00 e 3 pessoas.

Maria Beatriz Barbosa, rua Graunum, 458, Ricardo Albuquerque — gêneros, fazendas e Cr\$ 50,00.

Martimiana de Arruda, rua Belarmino n. 42, M. Mestres — gêneros e fazendas.

Regina de Souza Pimentel — rua Panamerim, 171 — Bento Ribeiro. Recebeu gêneros, fazendas e Cr\$



CLÍNICAS DE SENHORAS E CRIANÇAS

Pediatra — Dra. IRENE CID SCHENBERG
2as., 4as. e 6as. feiras — Das 15 às 18 horas
Ginecologista — DR. VASCONCELOS CID
3as. — 5as. e Sábados — Das 16 às 18 horas
RUA MÉXICO, 21 — 19.º AND. — SALA, 1901
TELEFONE: 32-7799



60% de aumento: E' o desejo das tecelãs da Mavilis

Mulheres e menores explorados brutalmente — Péssimas condições de higiene — As tecelãs têm direito ao pano — Formação de Comissões Femininas — Valor da participação da mulher na conquista do aumento. RAQUEL

A classe textil do Distrito Federal, para conquistar 60% de aumento nos seus salários, pois de 1945 até hoje encontra-se toda empenhada na luta enquanto os preços das utilidades subiram vertiginosamente, os salários continuam na mesma, agravando-se cada vez mais a situação dos trabalhadores desse ramo.

Cerca de 80% dos textis é composto de mulheres e de menores e por isto MOMENTO FEMININO resolveu fazer uma série de reportagens em diversas fábricas de tecidos.

Iniciamos com a Cia. América Fabril, da qual faz parte a Fábrica Mavilis, onde o salário médio de cada operário é de Cr\$ 338,30 e o lucro líquido dos patrões, Cr\$ 44 9.000!!!

NA MAVILIS, MULHERES E MENORES EXPLORADOS BRUTALMENTE

Na Fábrica Mavilis, situada no Caju, fomos encontrar tecelões aos grupos, comendo seus lanches, comprando bananas e cocas, pois na hora do almoço, todos ficam pelas redondezas, aguardando o soar do apito para reiniciar o serviço.

Assim nos falaram antigas operárias:

— "Trabalho há 38 anos nos teares e nunca passei tanta necessidade quanto agora. Sabe quanto eu tiro por mês? Cr\$ 800,00.

Outras tecelãs, de 15-20-25 anos de serviço fizeram-nos a mesma queixa, dizendo: "A senhora sabe o que é ter tantos anos de casa, trabalhando em péssimas condições de higiene, sem água filtrada para beber, sem vestiário, gastando todas as suas forças para só ganhar esta quantia no fim do mês? Com a extraordinária elevação do custo de vida, não dá nem para matar nossa fome e a de nossos filhos. Ainda tem o aluguel de casa, roupa, calçado, colégio, farmácia e tudo o mais. De diversão nem se fala...

As menores estavam aflitas para falar e aproximando-se de nós, disseram:

"Eu me chamo Maria José. Trabalho na fição e ganho muito pouco. Se este jornal nos ajuda no aumento, estou disposta a trabalhar por ele.

"Acho tudo errado nesta fábrica, disse outra. Também trabalho na fição, há um ano e 6 meses, das 7 horas da manhã às 5.40 da tarde e tiro 330,00 por mês. O trabalho deveria ser até às 4.40, mas o patrão obriga a trabalhar até às 5.40. Sou contra o serão. Tenho 16 anos de idade e quando sou daqui tem me aumento em pé de tão cansaça que fico

Cléia, também menor, concorda com sua colega. Acha que ganha pouco e é contra o serão.

Um jovem esperto, chamado Salvador, de 17 anos, diz: "Trabalho no algodão. Trabalho de mais. Faço serviço de maior e ganho salário de menor. Por isso é que tem tanto menor por aqui. Não está vendo?"

AS TECELAS TEM DIREITO AO PANO

Além do aumento, pelo qual todos se manifestaram que fosse de 60%, de acordo com o pleiteado nas demais fábricas de tecidos, uma das coisas que as tecelãs mais reclamam é o seguinte: o pano, por elas mesmo tecido, com o seu suor e trabalho, é vendido em quase todas as seções pela gerência, a preços mais baratos que os do armazém, e há mais de 2 anos, as tecelãs não têm sido beneficiadas por um centímetro sequer do mesmo, o que já motivou a ida de uma comissão de mulheres à gerência, para solicitar a vinda do pano, que é uma necessidade para todas. Mais de um mês decorreu desta visita e o pano ainda não veio, encontrando-se as tecelãs indignadas com este fato.

Caso esta reivindicação não seja logo atendida, estão dispostas as mesmas a formar nova e maior comissão, para ir não só à gerência, mas também ao patrão, para que este assunto seja resolvido.

FORMAÇÃO DE COMISSÕES FEMININAS

Como vimos, são duas as principais aspirações das mulheres da Mavilis: 60% de aumento e pano mais barato.

No problema do aumento, fomos informadas, ao fazer esta reportagem, que uma comissão de homens e mulheres, pretendia dirigir-se ao gerente, a fim de pedir audiência com o presidente da Cia., para expor a precária situação financeira em que se encontram e pedir os 60% de aumento.

Esta comissão, por nosso intermédio faz um apelo a todos os trabalhadores, no sentido de lhes prestarem apoio, por todas as formas, criando comissões pró-aumento, em cada seção, mistas ou femininas incluindo os menores, pois somente na base deste apoio e de uma maior organização, este aumento poderá ser conquistado. E' o exemplo que vêm dando os trabalhadores textis de outras empresas, organizando-se em cada seção de trabalho.

VALOR DA PARTICIPAÇÃO DA MULHER, PARA CONQUISTAR O AUMENTO

Se, como dissemos acima, cerca de 80% dos trabalhadores textis é composto de mulheres e de menores, sendo que 60% de mulheres, é inegável que o aumento pleiteado só será vitorioso se a mulher, compreendendo o papel que desempenha na conquista desse aumento e portanto no maior bem estar de sua família e de seus filhos, se colocar ao lado dos seus companheiros de trabalho, tomando parte ativa nas comissões criadas e formando comissões femininas pró-aumento de 60% e pró-conquista do pano.

E' isto que temos a impressão, estão dispostas a fazer, as mulheres da Mavilis.



Nossa repórter com as tecelãs da Mavilis

As telefonistas, heroínas anônimas

ODILA

Existe no Brasil uma corporação de mulheres trabalhadoras bastante sacrificada, mas pouco conhecida, a das telefonistas.

Desde a implantação dos serviços telefônicos em nosso país, estas heroínas anônimas vêm abnegadamente servindo ao público, que por desconhecê-las, nem sempre reconhece seus méritos, culpando-as por todas as anormalidades do serviço, cuja responsabilidade cabe exclusivamente à Cia, por não manter um equipamento à altura do volume de tráfego.

Divididas por todas estações de Cia. Telefônica essas moças trabalham 8 e mais horas diárias em horários que variam de 6 da manhã às 10 horas da noite, inclusive noturno, percebendo salários que variam de 600 cruzeiros (inicial) à 980 cruzeiros (máximo).

A fim de trazer ao conhecimento de nossas presadas leitoras algo sobre a vida dessas trabalhadoras, ouvimos algumas telefonistas do posto de Marechal Hermes.

Angela C. Leite, uma delas, conta-nos que iniciou a carreira com 14 anos, tendo, neste ano, completado 26 anos de trabalho.

Cecy trabalha há 24 anos tendo começado aos 14.

Naquela época, diz Angela, ganhávamos 30 cruzeiros mensais e tínhamos dez cruzeiros de aumento por ano. Até setembro de 1945, o nosso salário máximo era de 410 cruzeiros. Foi graças aos grandes movimentos reivindicatórios das Tabelas Parabólica e da Vitória, é que conseguimos chegar a 980 cruzeiros. Estes movimentos foram verdadeiras batalhas pois a Light tem à sua disposição o Ministério de Trabalho e a Polícia, os valorosos membros das comissões de salários foram encarcerados, mas vencemos e aprendemos que a União derruba os maiores inimigos.

Estas e outras moças que nos cercavam, declararam-se desgostosas com o excesso de trabalho e falta de comodidades. Neste centro trabalham 60 empregadas. A sala de lanche é muito pequena. Uma tem que esperar as outras acabarem de lanchar, para ocupar seus lugares. A falta de higiene é absoluta chegando ao ponto do toilette estar situado ao lado da sala de refeições.

O regime é de arroxo, havendo até proibições de ler jornais, mesmo nas horas de lanche ou descanso.

Existem muitas telefonistas casadas. Para início da carreira, a Cia. só aceita solteiras ou viúvas e se pudesse, impediria que suas empregadas continuassem trabalhando após o casamento. Muitas têm filhos, mas em nenhum setor da Light existe creche, conforme determina a lei.

O Instituto de Previdência não fornece hospitalização para maternidade. Há perto de um ano, foi enviado um memorial solicitando providências neste sentido. O corpo médico da C.A.P. deu parecer favorável e o memorial foi encaminhado ao Ministro do Trabalho que até hoje nada resolveu.

— E quanto ao empréstimo dos 90 milhões?

— Isto é o maior dos absurdos (disseram todas a uma só voz).

— O governo, ao invés de conceder este empréstimo, deveria exigir que a Light empregasse na melhoria de seus serviços e da situação de seus empregados, uma parte dos fabulosos lucros que envia para o estrangeiro.

— Estes 90 milhões deveriam ser empregados na melhoria de nossa indústria, principalmente na exploração do Petróleo.

— Protestamos também contra o aumento de tarifas, obtido pela Cia. com tanta facilidade, que veio sobrecarregar o povo do qual fazemos parte. A Cia. passou a cobrar perto de 50% a mais

no preço de seus serviços, sendo que para nós teve o cinismo de dar um aumento que varia de 60 a 120 cruzeiros mensais, constando que vai aumentar o preço das minguaças refeições que fornecidas pelo restaurante das telefonistas.

Por falta de espaço, deixamos de enumerar outros trechos de nossa palestra com estas simpáticas e valorosas jovens, prometendo voltar ao assunto em breve.



Literatura

REVISTA MENSAL

Diretor responsável:

ASTROÍLDO PEREIRA

Secretário:

JORGE MEDAUAR

Gerente:

J. SOUZA FILHO

Publica estudos, ensaios, poemas, contos, críticas de livros, crônicas da vida literária, documentos de interesse cultural, etc., etc.

Assinatura por 12 meses: Cr\$ 50,00

Preço do número avulso: Cr\$ 5,00

Redação e Administração
RUA MÉXICO, 41
Sala 508
RIO DE JANEIRO



Menores trabalhadores



As grades do portão

Momento Feminino nos Estados

"Sr. Presidente, Srs. Vereadores:

Este 7 de Setembro que hoje comemoramos pela primeira vez numa Câmara em São João de Meriti, ficará em minha vida como um marco indelével, porque, sr. presidente, e senhores vereadores, aqui me encontro representando a mulher brasileira miritense, numa demonstração concreta de que nós, mulheres do Brasil, começamos a nos emancipar, queremos, porque isto é, um dever patriótico, estar ombro a ombro com os homens em todas as suas lutas, desde a que concerne ao recinto do lar, até os mais altos e complexos problemas da política. E isto senhores, não como concorrência ao sexo masculino, mas como colaboradora e amiga, sentindo e compreendendo na prática os seus fracassos e suas vitórias.

Assim, senhores, sendo hoje uma das maiores datas de nossa história, é com emoção e orgulho que ergo minha voz, nesta Casa, para falar em nome das mulheres que aqui me edificaram.

Emocionada e orgulhosa porque a hora que passa é amarga e decisiva para os verdadeiros patriotas!

Tornamo-nos independentes de Portugal há precisamente 126 anos e esse fato tem sido para nós e para os nossos antepassados motivo de comemorações jubilosas e de ardor patriótico.

Durante esses 126 anos todos os nossos governos sentiram o entusiasmo da mocidade festejando o grande acontecimento.

Nas escolas nossos corações vibravam contagiados do amor pátrio que fez ecoar o grito de Independência ou Morte!

Depois como educadoras, procuramos transmitir aos escolares o significado histórico de nossa emancipação de Portugal.

O 7 de Setembro de 1822 fez raiar um novo sol em nossa pátria.

E diante da luz imensa que esclareceu os destinos do Brasil, o poe-

ESTADO DO RIO

Discurso pronunciado pela vereadora Carmen Bastos Cardoso, na sessão solene da Câmara Municipal de São João de Meriti, em 7 de setembro de 1948

ta, em seu cântico de amor pela liberdade, deixou o verso imortedito:

"Ou ficar a pátria livre ou morrer pelo Brasil!"

E os nossos soldados, os soldados de Caxias, os soldados de todas as épocas, em todas as fases de nossa história, sempre souberam zelar pela defesa do patrimônio e da soberania nacionais.

No entanto, senhor presidente e senhores vereadores, nesse solene 7 de Setembro de 1948, devem nossos corações se entristecer por saber que "nossos estadistas abrem mãos de prerrogativas que nossos povos cultivaram e cultivaram para nos ligar um Brasil livre, sentimento de liberdade que o príncipe Pedro soube imprimir nas margens do Ipiranga".

E' que, senhores, justamente hoje desembarca em nosso solo a missão Abibink, com tamanho apêlato e afronta à nossa soberania que já foi comparada ao "Desembarque da Corte Portuguesa".

Estamos diante da mais afrontosa invasão do território nacional por tropas estrangeiras.

Diante de um crime de traição sem precedentes em nossa história. São os próprios responsáveis pela segurança do Brasil que abrem as portas ao invasor, calcando aos pés o sentimento de honra e dignidade de nosso povo.

Expulsamos os invasores holandeses e franceses quando éramos um povo ainda em formação. Como consentir, agora que chegamos à nossa maturidade política que novos invasores venham ocupar os pontos estratégicos do país?

O dr. Sérgio Gomes, ilustre patriota, alertou os brasileiros num

importante artigo em que há esta passagem:

"O momento que se nos apresenta é dos mais sérios possíveis. Ou reagiremos, ou veremos dentro de muito breve tremular nos mastros de nossos departamentos a bandeira americana. Não há mais paliativos nem tempo para discussão acadêmica.

A nação se acha ameaçada de

ASSINE MOMENTO FEMININO

3 MESES . . . CR\$ 12,00
6 MESES . . . CR\$ 22,00
12 MESES . . . CR\$ 40,00

Pedidos para a Gerente

Luiza Regis Braz

Caixa Postal, 2013

RIO DE JANEIRO.

PERNAMBUCO

INSTALADA NO BAIRRO DA TORRE (RECIFE) A SOCIEDADE DE DEFESA DO LAR — Sua presidente, Alda Toribio, assim expressou as finalidades da nova organização em seu discurso inaugural:

"Meus senhores e minhas digníssimas senhoras e senhoritas:

E' com grande prazer e felicidade que ocupo o cargo de oradora nesta sociedade feminina, saudando este povo amigo e bom como também a diretoria que darei posse.

Essa sociedade recém-formada por 1 grupo de mulheres e moças do nosso bairro, deseja nítida e lutar pelos seus direitos constituídos na Constituição do Estado, lutar contra a carestia da vida que atravessamos, contra os infratores dos gêneros de primeira necessidade e principalmente unida lutar para que fiquem mais baratos, os alimentos de primeira necessidade.

Sabemos que nossos irmãos, pais e companheiros ganham salários de fome, que não dão para comprar os alimentos de que necessitamos.

A nós mulheres cabe uma parcela de defesa do nosso lar.

Precisamos lutar pela habitação mais barata, contra a falta d'água, por um posto médico que é de grande necessidade neste bairro, aonde a maioria é composta de gente pobre, como também, precisamos reivindicar uma escola ao ensino supletivo.

E' preciso que haja união de todas as mulheres deste bairro e não vacilem em ingressar nesta sociedade.

A Sociedade de Defesa do Lar não tem preconceitos de classe, de religião, de cor política, portanto, todas as mulheres entrem para esta sociedade a fim de unidas ajudarmos nossos esposos, filhos, pais a fim de melhorar a situação aflitiva em que nos diziam, os nossos antepassados: é preciso que as mulheres se unam e lutem juntamente com os homens.

Agora, encerro essas minhas poucas e rudes palavras passo a chamar a diretoria eleita:

Presidente — Alda Toribio; vice-presidente — Maria de Lourdes Silva; secretária — Noêmia Batista; tesoureira — Dolores Monteiro; procuradora — Julieta Marques; oradora — Janete Nascimento.

sofrer um golpe mortal em seu coração. Vendo perigar na Europa, o seu cetro imperialista, os ianques voltam, e com que apetite, as suas vistas para nossas riquezas naturais. O nosso petróleo, o nosso minério, nossa borracha, tudo eles cobijam e para atingir tamanha afronta à nossa dignidade de nação soberana, estão comprando as consciências venais, aquelas consciências que, ante o brilho do ouro americano, não vacilam em vender a pátria que lhes serviu de berço e que tão cinicamente estão traido.

O Brasil porém confia em seu povo, em suas forças armadas, confia em sua mocidade, nesse luzida mocidade que não foi verter o seu sangue na península itálica; para, depois, entregar a sua pátria ao ambicioso de Wall Street. Isso nunca!

O povo brasileiro jamais concordará com isto. A nossa terra tem dono e saberemos ser dignos das tradições patrióticas de nossos antepassados, não consentindo que flutue em nosso território outra bandeira que não a bandeira brasileira!

EM NITERÓI

A primavera chegou, florida, luminosa, estimulando a alegria de viver. A temperatura ameníssima, o sol radioso, muitos pássaros, coisas que convidam a pensar no lado amável da vida.

Nesse clima primaveril, de encantamento renovador, a mocidade se agita e realiza. O grande baile da primavera, no ginásio da Fieidade de Direito, no dia 25, com que a União Fluminense de Estudantes festejou — a Rainha dos Universitários — foi um acontecimento notável para a juventude, que afinal é, ela própria, a primavera da humanidade.

Outra comemoração à estação das flores e da alegria, será realizada no próximo dia 2 de outubro, no Grêmio Brasileiro de Cultura e Recreação, do Colégio Santo Antônio, à rua Benjamin Constant, 132. Um grande baile com atrações variadas: canto popular, cenas cômicas, conjunto musical, tudo magnífico e interessante, em esplêndidas revelações da veia artística de nosso povo. Espontânea,



Stela Gama, do C. E. Defesa do Petróleo, de Sergipe, Aracaju

simples e por isso mesmo bela. Assim como as flores silvestres, que abrem sorrisos no abandono das matas...

Vilma Faria e Iolanda, duas jovens do Fonseca, cheias de graças, contam coisas lindas, com naturalidade, sentimento e brejeirice. Celso Martins, um estudante bem humorado e inteligente, fino imitador de celebridades radiofônicas e de outras celebridades também... E muitos mais, cujos nomes não pudemos anotar. Todos excelentes, inclusive crianças que declamarão Castro Alves e Bilac. O sr. Alcino Maia, presente àquela hora de arte, criou no Fonseca, onde reside, um delicioso teatrinho popular que apresenta os cantores locais, estimulando-os ao aperfeiçoamento e divertindo gratuitamente o povo. São organizações dignas de toda simpatia essa do sr. Alcino Maia e do jovem Miguel Demidoff. Fazemos votos para que prossigam com entusiasmo sempre maior.

Ao professor Antônio Sampaio, diretor do Colégio Santo Antônio, nossos parabéns pela sua obra educativa e amparo dispensado às vozes artísticas, compensando o seu esforço.

MINAS GERAIS

As mulheres de Belo Horizonte

A mulher, nos dias de hoje, já não pode ficar apenas em casa, a cuidar somente dos trabalhos domésticos. Principalmente a mulher que trabalha fora do lar, nos escritórios, repartições públicas, fábricas, escolas, etc., sabe que só conseguirá melhorar as condições de sua vida quando lutar para que cessem, nas fábricas, escolas, etc., os motivos que dão origem aos seus sofrimentos. A dona de casa, também, já sente que só se lutará bravamente para que os gêneros baixem de preço, conseguirá fazer com que o magro ordenado do marido dê para o sustento dos seus filhos. E todas elas sentem que devem também trabalhar, de algum modo, para que não haja mais guerras.

Mas como a luta isolada e desorganizada não traz o resultado que se deseja, é necessário que a mulher não apenas sinta os seus problemas, mas se reúna a todas as suas companheiras, deixando de lado as divergências de partidos políticos, religião, cor e condição social, para lutar pelos objetivos comuns a todas.

Tendo em vista esta necessidade, foi

fundada, em 1947, em Belo Horizonte, a "UNIAO FEMININA DE MINAS GERAIS", que tem como objetivos principais a luta pela paz mundial e pela melhoria de condições de vida de todas as mulheres.

Estamos, presentemente, empenhadas na QUINZENA PRO' PAZ, realizando conferências e palestras contra a guerra e colhendo assinaturas de mulheres a uma Mensagem contra a guerra a ser enviada à Organização das Nações Unidas.

Mas para o pleno êxito da nossa Campanha, precisamos do auxílio de todas as mulheres que desejam a paz.

Para trabalhar com proveito pela paz e pela solução dos problemas que tanto nos afligem, devem todas as mulheres dar apoio a esta nossa Campanha e ingressar como socias da "UNIAO FEMININA DE MINAS GERAIS".

Sempre unidas na luta pela paz e contra a guerra!

A União Feminina de Minas Gerais.

NICE FIGUEIREDO

ADVOGADA

Esc.: Av. Pres. Antônio Carlos, n. 207 — S/302-A

— Telefone 25-0347 —



Francisca de Souza Mota, filha de Francisco e Itávia Souza Mota garotinha abençoadinha de Volta Redonda (Estado do Rio)

PELA PAZ



Encaminhando a mensagem "Em Defesa da Paz", as mulheres brasileiras do Distrito Federal, endereçaram ao Exmo. Sr. Trygve Lye, M. D. Secretário Geral das Nações Unidas, em data de 2 do corrente, a seguinte carta subscrita por quinhentas assinaturas, fase inicial da CAMPANHA PRO PAZ, instalada na A. B. I., a 18 do mês p. p.:

Exmo. Sr. Trygve Lye — M. D. Secretário Geral da Organização das Nações Unidas. — Paris.
Prezado senhor.

O INSTITUTO FEMININO DE SERVIÇO CONSTRUTIVO e o COMITE DE MULHERES PRO DEMOCRACIA, Seções Nacionais da Federação Democrática Internacional de Mulheres, têm a honra de se dirigir a V. Exa., encaminhando a Mensagem das mulheres democratas brasileiras, ora empenhadas na CAMPANHA PRO PAZ, solenemente instalada a 18 de agosto último na Associação Brasileira de Imprensa, Distrito Federal, Brasil, as quais congratulam-se com essa eminente entidade, ARBITRO DA PAZ, afirmando sua plena confiança nos altos e permanentes esforços desse Organismo para manter a PAZ UNIVERSAL.

Reiterando a segurança da sua máxima consideração. — Alice de Toledo Tibiriçá, presidente do IFSC. — Elza do C. Loureiro, sec. do CMPD."

Movimento Feminino Pró-Paz

A União Feminina das Mulheres de Uberlândia, aderindo ao movimento da CAMPANHA PRO PAZ, enviou à Comissão Central do Distrito Federal, listas de assinaturas femininas que apoiaram aquele movimento e com que se farão representar no apelo das mulheres brasileiras à ONU, em fins do mês corrente.

A Sociedade Cívica Feminina de Santos prestigiando a CAMPANHA PRO PAZ encaminhou à ONU, brilhante Mensagem na data de 31 de agosto p. p., que transcrevemos com prazer: "UMA IMENSA VONTADE DE PAZ SE LEVANTA"

As mulheres de Santos enviaram à ONU esta mensagem:
SANTOS, 31 de agosto de 1948.
Exmo. Sr. Trygve Lye
M. D. Secretário Geral da ONU.
Lake Success — U. S. A.

A CAMPANHA DA PAZ

Um grupo de senhoras do Distrito Federal, à frente da campanha da Paz que a mulher brasileira iniciou há poucos dias, realizou no dia 28 do corrente uma palestra na "Rádio Globo", onde foram abordados os pontos fundamentais do grande trabalho feminino contra a guerra e pela preservação da paz mundial.

Entre as debatedoras, salientaram-se d. Alice Tibiriçá, d. Otávia Kondez, srta. Nima, e Nair Batista, sra. Emily Kampat.

Aconversa das senhoras cariocas, na "Rádio Globo", gentilmente cedida pela sua direção, teve um êxito formidável, recebendo dos elementos do próprio programa grandes elogios às mulheres do Brasil, que vivem todos os problemas de sua pátria.

"MOMENTO FEMININO"

Diretora:
ARCELINA MOCHEL

Gerente:
LUIZA REGIS BRAZ

Redação e Administração:
AV. RIO BRANCO, 257
Sala 715 — C. Postal 2013
Rio de Janeiro

Número Avulso. Cr\$ 1,00
Atrasado Cr\$ 2,00

Associações femininas

ATA DE FUNDAÇÃO

No dia 5 de setembro de 1948, com a presença de representantes da União Feminina de Botafogo, da Comissão de Defesa dos Moradores da Favelinha do Hospício e de outros moradores, foi fundada a Comissão Feminina da Praia Vermelha.

De início usou da palavra D. Moema, que em nome da U. F. B., congratulou-se com as mulheres presentes que, dispostas a criar uma comissão de mulheres para defesa de seus interesses, demonstravam seu espírito combativo e sua compreensão de que a união faz a força.

Em seguida foi eleita, pelas sócias fundadoras, a diretoria da comissão recém-formada que ficou assim constituída:

Presidente — D. Deolinda Matos; secretária — D. Samaritana Dunga Teixeira; tesoureira — D. Iracema Marques Robal.

São sócias fundadoras da referida comissão: D. Deolinda Matos — D. Samaritana Dunga Teixeira — D. Iracema Marques Robal — D. Maria de Souza Castro — D. Maria Alves Rodrigues — D. Maria Lira da Mota — D. Maria Benedita Francisco — D. Laura Soares — D. Aurora Okeiroz Teixeira e D. Maria de Lourdes Lopes.

Pedindo a palavra, a presidente da Comissão de Defesa dos Moradores, sr. João Matos, fez uma explanação sobre o petróleo e concluiu os presentes a lutarem pela não aprovação dos Estatutos do Petróleo em discussão na Câmara, pois, essa aprovação significaria a entrega dessa nossa fonte de riqueza a exploração estrangeira, com sérios prejuízos para nosso país e nosso povo.

Sendo angustiante a falta d'água a que estão sujeitos os moradores da favelinha, resolveu a Comissão Feminina discutir imediatamente o assunto, tendo sido apresentadas diversas sugestões para resolução desse problema. A assembleia aprovou, então, uma proposta no sentido de que se reunam os componentes da diretoria da Comissão de Defesa dos Moradores, da direção da Comissão Feminina, e representantes da U. F. B., para estudar as sugestões apresentadas quais as que devem ser postas em execução.

Não havendo mais nada a tratar foi encerrada a reunião.

Rio, 8 de setembro de 1948.

COMITE DE MULHERES

O Comitê de Mulheres Pró-Democracia promoveu a 11 do corrente, na residência da sra. Iris de Barbosa Melo, uma reunião festiva em homenagem à apreciada jornalista, sra. Ivone Jean, recém-chegada da Europa onde percorreu alguns países, colhendo valiosas impressões do trabalho feminino em suas várias modalidades.

A dra. Guiomar Ferreira de Matos, vice-presidente do CMPD, saudou a distinta associada em nome da organização, anunciando em seguida, a palestra da sra. Ivone Jean, que relatou, em brilhante exposição, os episódios marcantes do movimento feminino europeu, salientando, especialmente, a Exposição Internacional das Mulheres realizada em Paris e em que sua participação social, econômica, política e cultural foi grandiosamente demonstrada e em que souberam, também, comparar suas atividades em favor da Democracia, do Progresso e da Paz.

UNIÃO FEMININA DE MADUREIRA

Uma grande e animada festa foi levada a efeito pelas associadas do M.F. de Madureira, por ocasião da data magna de nossa independência.

No curso da festividade a sra. presidente convidou as senhoras presentes para apoiarem a campanha do petróleo, que está relacionada com a grave situação econômica que o país atravessa, com sérias consequências na economia doméstica.

Nesse ato de confraternização dos moradores do bairro, quatro novas associadas encheram proposta.

Ivone Jean expôs, pormenorizadamente, as características fundamentais dos 30 países representados naquele certame, ocupando uma área de 3.000m², às portas de Versailles e como o belo Parque da Exposição, organizado pela Federação Democrática Internacional de Mulheres, por suas Seções Nacionais em que também se incluí o Brasil, contribuiu para demonstrar os esforços generosos das mulheres por criarem uma vida bela, mais feliz e progressista no mundo inteiro.

Ao terminar, a oradora foi vivamente aplaudida sendo servido "cock-tail" e doces a todos os visitantes, entre os quais notamos a presença das sras. Alice Tibiriçá — Marília Amado — Irene Amado — Diana Gilaberti — Emile Kamprad — Laurita Clausen — Alice Brandão — Girondina Santos — Plácida Ribeiro Costa — Nima Fromment — Guiomar F. Borges — Carolina Gomes Simões — Orla Schmidt — Vanda de Oliveira — Nílceia de Oliveira — Apa Maria Golubi — Nair Golubi — Iris B. Melo — Ivone Jean — dra. Guiomar Ferreira de Matos — Cristofana Xavier — Vaida Silva e srs. Milton de Moraes — Norman Emery — Paulo Artur — Lauro e Marcelo Paiva — A. Fonseca e Barbosa Melo.

UNIÃO FEMININA DO FLAMENGO

Realizou-se, conforme noticiamos, a 14 de setembro, uma grande reunião comemorativa do segundo aniversário da União Feminina do Flamengo, Catete e Glória.

A festa foi presidida pela vereadora Ligia Lessa Bastos e iniciou-

da com a palavra da presidente do organismo, jornalista Maura de Sena Pereira, que recapitulou as principais realizações da União no seu segundo ano de vida e propôs que, naquele dia, ela aderisse à Campanha Nacional do Petróleo. Tal proposta foi aprovada com uma chuva de palmas.

A seguir, a professora Dalva Luna Freire inaugurou o Curso de Taquigrafia, que, sendo o quarto curso gratuito mantido pela União Feminina do Flamengo, sendo os outros três: Corte e Costura, Flores e Alfabetização.

A sra. Moema Seljan saudou a seguir, a aniversariante, em nome da congênera de Botafogo, e a sra. Nair Couto falou em nome das associadas do Flamengo.

A mesa, toda ornamentada de flores, ostentava no seu centro o grande bolo de aniversário.

A sra. Nair Cunha, tesoureira da União, partiu e serviu o bolo, havendo, antes, toda a assistência, com as luzes apagadas e acesas, aporadas, as duas velinhas rosas do bolo, cantado como nas festas em família o "Feliz aniversário".

Por último, falou a vereadora Ligia Lessa Bastos, felicitando a União e referindo-se elogiosamente às atividades da mesma. Nessa altura, destacou o abaixo assinado das moradores do morro Marques de Abrantes, pedindo a instalação de uma bica naquele morro, documento que recebeu por intermédio da União do Flamengo. Informou que já o encaminhou e que o seu requerimento fora aprovado. Palmas calorosas coroaram as palavras da ilustre vereadora.

Medicina e saúde

AINDA SOBRE O TIFO

DRA. ELINE MOCHEL MATOS

Em 31 de outubro de 1947, tivemos oportunidade de sugerir através do MOMENTO FEMININO, algumas medidas de caráter prático a serem tomadas pelo Departamento de Saúde Pública, no sentido de proteger a população carioca dos perigos da infecção tífica; e o fizemos na base da própria nota desse Departamento que advertia o povo sobre o perigo do surto e mostrava a necessidade de uma vacinação geral. Isto foi, praticamente há um ano atrás! Hoje estamos diante de mais um surto de tifo que já arrastou dezenas de vítimas trazendo a tristeza e a dor para seus lares.

A passividade das autoridades sanitárias, diante do que está acontecendo é tão chocante que ficamos a pensar se realmente existe um serviço que zela pela saúde do nosso povo.

Nossas sugestões continuam de pé! Achamos que elas contêm algo de prático e podem ajudar muito a evitar que a infecção se propague em tão grande escala como está acontecendo no momento.

O tifo é evitável? — Sim, perfeitamente.

Existem medidas de ordem geral que podem impedir o seu aparecimento, tal como a vacinação geral. Lógico que isto cabe ao Serviço de Saúde Pública, mas desde que esse serviço não toma nenhuma iniciativa, o povo que é o principal interessado deve procurar em todos os seus setores de trabalho, nos seus bairros e subúrbios, os serviços médicos, para se vacinar, sem perda de tempo.

Outras medidas importantes a serem tomadas: — esterilizar a água, seja filtrando, seja fervendo-a! Ferver o leite e lavar os legumes crus muito bem lavados.

Evitar comer frutas apodrecidas tais como laranjas, bananas que às vezes muitas mães, inconscientemente, dão aos filhos para "aproveitarem".

Ainda outras medidas a tomar: — Cobrir os alimentos para evitar que as moscas pousem, e neles possam depositar os germes que carregam nas patas e nas asas.

Dizem que o tifo é doença da sujeira. Realmente é das "sugeiras" que o Germem vem.

Mas, se por infelicidade aparecer um caso de tifo em sua casa, é urgente que

tome medidas para evitar que outros elementos da família sejam atingidos. Primeiro, vacinar todo o pessoal, inclusive as crianças que poderão tomar vacinas orais. Segundo, isolar o doente. A pessoa encarregada de tratar de um portador de tifo deve ter o cuidado de lavar constantemente as mãos, passar álcool e até, se puder, calçar luvas de borracha e vestir avental. Nos seus objetos de uso tais como copos, xícaras, pratos, talheres deve ser passado água quente. As roupas de vestir e as de cama, devem ser fervidas.

Ter cuidado, principalmente com os excretas. Urina, fezes, vômitos, escarros devem ser tratados com creolina, lisol ou outras substâncias desinfetantes.

★
Geralmente o tifo aparece em zonas onde, além da falta de esgotos, a população vive em condições difíceis, quer sob o ponto de vista econômico como também de habitação e de higiene. Essa população, portanto, apresenta aquelas condições que predispoem o organismo, enfraquecendo sua resistência e facilitando o aparecimento da doença.

Essas condições podemos resumir nas seguintes: — fadiga, cansaço, esgotamento, fome, sub-nutrição, clima, aglomerações, etc.

Portanto não é sem motivo que o tifo no Distrito Federal tem predileções, principalmente pelos subúrbios da Leopoldina...



NOSSOS AMIGOS:

Contribuíram para nosso jornal:

	Cr\$
Jacob e Clarinho	210,00
Um amigo	20,00
Sebastião Paula	10,00
Amigos de Catarina	15,00
Cacilda Guimarães Rocha	10,00

Agradecemos a solidariedade de todos

Aquela multidão silenciosa...

(para Maria e Severino)

MATILDE

Todos vieram acompanhar os dois homens mortos. Homens e mulheres. Ninguém faltou à grande reunião. Todos estavam calados e a praça parecia maior cheia de tão pesado silêncio.

Chegavam como gotas d'água, calados sabiam e sentiam suas mortes. Ninguém falava... Por que morreram? Para que morreram?

Tão longo e belo é o caminho do homem. Como cortariam tão friamente as lentamente, mais e mais criaturas, doloridas de tão profunda violência.

Somente as crianças ficaram. Crianças, flores e animais. E o céu límpido e claro sobretudo negando a onda de agonia.

Os dois homens estavam mortos. E te destinos tão fortes?

O medo e a ignorância.

E por isso, somente as crianças, as flores e os animais não compareceram e sobretudo o céu tão claro e azul negando suas mortes.

Foi como numa história.

Era uma vez uma cidade. Cidade cheia de pontes sobre calmos e silenciosos rios. Velhas igrejas lembrando velhas lições de respeito ao homem. Feiras e mais feiras permitindo ao camponês, a todos os produtores, a troca necessária à existência humana.

Havia beleza "nesse tempo", como em "todos os tempos", mas havia dor.

Homens e mulheres, medrosos do contato direto com o trabalho e a terra, cresceram. Parasitas brotaram. E a dor aumentou.

Homens e mulheres dobraram os intermináveis serões sem mitigarem a fome, sem enxugarem o suor do homem que não tinha medo. As crianças morriam sem conhecer a beleza do estudo, do trabalho e do amor.

Os homens que tinham medo discutiam, fechados em seus gabinetes, os meios mais fáceis e violentos de su-

gar o povo. Discutiam depois viagens de verdadeiras fugas: vinhos e perfumes de uma sutileza tão rara que eles mesmos perdiam todo seu esforço para compreendê-los e senti-los.

E as crianças não cresciam, não estudavam, não trabalhavam, não amavam.

Um dia, como todas as parasitas quando começa a lhes faltar a necessária seiva retirada de um vegetal esgotado, esses homens dominados pela ignorância e pelo medo sentiram-se tocados.

Não baixaram os olhos sobre a terra, não abriram os livros. Reuniram-se friamente, esqueceram que sobretudo havia o céu límpido e claro quando começa a lhes faltar a necessária seiva retirada de um vegetal esgotado, esses homens dominados pela ignorância e pelo medo de sentirem-se tocados.

Não baixaram os olhos sobre a terra, não abriram os livros. Reuniram-se friamente, esqueceram que sobretudo havia o céu límpido e claro e lançaram à guerra todos aqueles homens que desejavam a alegria da terra, a serenidade no amor.

Largos invernos cobriram o mundo. E o povo se encheu de dor.

Grande e dolorosa experiência.

Os homens que não tinham medo e que escaparam à violenta tragédia tomaram novamente seus trabalhos, baixaram atentamente seus olhos sobre os livros e contemplaram sensivelmente sobretudo aquele límpido e claro céu.

Cresceram novas crianças nascidas do amor.

Havia uma cidade no mundo. Enormes pontes sobre calmos rios, velhas igrejas lembrando velhas lições de respeito ao homem.

Um dia o povo se reuniu na praça. Os homens que não tinham medo compareceram em massa.

Era uma verdadeira festa. Expunham seus problemas, programavam seus trabalhos, sentia-se que se tornava à vida.

Havia alegria mesmo nas faces marcadas e deformadas pela luta, organizava-se o homem para um trabalho consciente e mais produtivo.

Era o princípio e todos o sentiam. E como o povo, os homens que tinham medo tiveram consciência de sua perigosa situação.

Não compareceram não, como não compareceram as crianças, as flores e os animais.

Essas eram as coisas mais belas e preciosas que se necessitava guardar. Eles não compareceram porque tinham a própria anarquia que planejavam para poderem sobreviver.

E dois homens foram mortos.

Hoje, todos vieram para a grande e silenciosa praça.

Haverá coisa mais bela que o respeito dessa multidão de cabeças descobertas, braços pendidos diante dos corpos gigantes desses homens violentamente mortos porém cheios de serenidade de uma consciência sã?

Essa cidade é Recife. Esses dois homens são do povo e o povo comparecem sem medo.

Os corpos desses homens mortos lembrarão sempre uma lição de coragem contra aquelas parasitas moribundas que se esconderam sempre por detrás dos gabinetes. E os homens que não têm medo voltarão para suas casas. Programarão novos trabalhos, estudarão nos livros seus problemas, não se esconderão por trás da multidão para sugá-la como parasitas moribundas.

As crianças, as flores e os animais estão nos esperando.

E sobretudo o claro e límpido céu sobre a serena face dos dois homens mortos.

Carestia

Não ha carne na mesa da família carioca

Até mesmo o racionamento não é mais observado — As filas que invadem as ruas se desfazem depois de grande espera por falta de carne — Exporta-se carne em detrimento às nossas necessidades

O problema da carne já se tornou um escândalo permanente na capital da República. Todo o mundo acompanha de longas datas todas as manobras sobre esse problema e dia a dia toma novas características, sempre em detrimento às necessidades populares. Chegamos ao cúmulo de admitir disputa entre os frigoríficos e os proprietários de açougues e cada qual queria exigir mais. O fato é que o sr. Prefeito resolveu só fornecer ao povo carne três vezes por semana. Ai, as quotas dos açougues baixaram e a gente enfiava as ruas desde a madrugada para enfrentar as filas às portas dos açougues e de lá saía com a carne de segunda ao preço de primeira ou com 800 gramas por 1 quilo. Ainda por cima, muita gente lê em certos jornais que as coisas estão correndo às mil maravilhas e a secretaria de abastecimento diz que tantas toneladas de carne foram distribuídas em tais e tais dias.

Sabem de verdade? Os estoques dos frigoríficos aumentam dia a dia para que a carne sonhada à população seja industrializada e exportada a mercados que lhes pa-

ram preço elevado. Vejamos uma prova: do mês passado para cá o problema da carne ficou mais angustiante. O abastecimento dos açougues era precaríssimo. Pois bem, enquanto esses fatos ocorriam, o estoque de charque era aumentado (a carne charqueada rende três vezes mais aos monopolistas). Em março deste ano o estoque era aumentado para 19 mil toneladas e em julho, subia ainda mais, para cerca de 40 mil toneladas. Justamente a partir de agosto, a falta de carne se tornou mais pronunciada.

Agora vejamos como se vem processando a exportação da carne. No 1.º semestre deste ano, 22 mil toneladas valorizadas em 200 milhões de cruzeiros foram exportadas. Em 1947, a exportação totalizava 105 milhões.

Como se vê, o nosso povo que se alimenta de vento porque a carne, ao invés de alimento indispensável, virou assunto de manobras e negociações.

Observem as mulheres todos esses fatos e vejam quanta coisa em benefício próprio têm a realizar.

Penetração aberta de comércio americano em nosso país

CAPITALISTAS IANQUES INSTALAM GRANDES HOTEIS NAS NOSSAS PRINCIPAIS CAPITAIS — QUE ATITUDE TOMARÁ A C. C. P. COM ESSA NOVA EXPLORAÇÃO?

Há dias o "Diário de Notícias" criticava a falta de providências sobre o encarecimento da vida, na parte relacionada à hospedagem na Capital da República. Pôs a descoberto as manobras que estão empregando os proprietários dos hotéis tidos como de luxo, para burlarem o tabelamento das diárias.

Realmente, cada vez mais se torna insustentável a hospedagem de qualquer família sem parentes no Rio, nesses hotéis que se intitulam de primeira categoria. As diárias sobem assustadoramente e o simples rótulo de luxo é motivo para arrancar a última cédula de qualquer hóspede.

Agora, a manobra é a seguinte: diária, Cr\$ 460,00 sem direito às refeições. Cada almoço ou jantar paga Cr\$ 40,00 mais. Além do extraordinário das gratificações. Qualquer cálice de aperitivo é mais caro do que nos bares, uma salada de frutas ou um talhada de mamão sobem de preço nesses hotéis, principalmente se servidos a uma pessoa amiga dos hóspedes, que por ventura esteja presente à hora das refeições.

Pois bem, esse absurdo é crescente e a nossa fiscalização não tomou ainda posição para frear esse novo tipo de exploração.

Como se isso não bastasse vêm agora os americanos instalar seus hotéis de luxo nas nossas principais capitais.

O dinheiro dos capitalistas nos Estados Unidos deve estar sobrando e como é fácil explorar bras-

leiros, lá vêm os ianques para aqui com mais essa inovação.

Esse comércio de matéria plástica e bugingangas já se canalizou no Brasil. Agora é preciso infiltrar por completo todas as conservas americanas, os tecidos de cama e mesa e demais acessórios residenciais, músicas e revistas à vontade, eis o que os milionários Wallace Whitaker e Arnold Tshudy pretendem trazer para o Brasil com o seu plano de instalação de grandes hotéis. Eles já estão aí, chegaram no paquete "Uruguay", no dia 23 do corrente e não se duvide nada de que dentro de poucos meses estarão tendo aplicações os 25 milhões de dólares concedidos como financiamento parcial para a execução desse programa.

E o cúmulo que até no comércio de hospedagem os americanos queiram dominar no Brasil. Quais serão as atitudes da C. C. P. frente a esses problemas, se até agora não teve capacidade para controlar os nossos hotéis?

Será que nossos patrícios seriam os festas de ferro dessas sociedades americanas para o comércio de hotéis?

Vejamos o desenrolar dos fatos.

LEIA

ESFERA

NOS JORNALEIROS

JONI — S. Paulo — O exíguo material fornecido revela que a sua sensibilidade adormeceu — ou embotou-se. Todas as coisas tornaram-se triviais e comuns. Mesmo as mais terríveis e surpreendentes. Há também traços de força de vontade, ação pronta e enérgica. Auto-controle perfeito, calma e reflexão ponderada. Sua personalidade é comedida em tudo — tipo acabado da sensata — friz, serena e metódica.

SONHADORA E ROMANTICA — Rio — Você é um temperamento arrebatado e ardente. Muito sugestivo e um tanto nervoso. Tem superstições e desconfinças absurdas. É de imaginação arrojadada e cria mundos irreais em que se expande a sua fantasia. É muito sensível e sofre uma desambiguação irremediável, até que surja o príncipe encantado, que nos seus braços há de ser bem feliz...

SONHADORA SOLITÁRIA — Rio — Aqui temos uma jovem enérgica e voluntariosa. Muito resolvida, observadora e ativa. Sabe impor a sua vontade e não é muito obediente. Sua rebeldia, entretanto, não cria boas condições para você. Parece não confiar, absolutamente, naqueles a quem por força das circunstâncias, deve obedecer. É temperamental e generosa. Tem senso estético e tendência artística.

ALELUIA — Rio — Sua educação deve ter sido muito preconceitual, e cheia de erros de orientação. Por isso você é fútil e vaidosa. Não lhe agradam as coisas graves ou reais, com a nudez absoluta do que é de fato. Gosta das histórias floreadas e ilusórias, das superfícies iluminadas ou floridas. Nada de profundezas... Há terríveis contradições na sua mentalidade — porque — sendo inteligente — você aspira a clareza, mas por prezar o comodismo, evita-a. "Et voilà"! Romance, devaneios, nostalgias — todas as coisas inúteis que a "boa vida" faculta você tem de mais... Mas deve reagir. Estudar e procurar viver de modo útil.

VOLIA — Goiânia — Você é inteligente e razoável, muito perspicaz e realizadora. Mas, profundamente sentimental. As dores alheias refletem-se em seu coração profundamente e você — altruísta e bondosa — procura mitigá-las e desejaria poder fazer milagres para resolver esses problemas humanos... Sua sensibilidade é extrema e sua tendência é intelectual. No amor, é muito leal, devota e cheia de ternura.

CIGANA — Rio — Seu caráter é bem formado. Seu temperamento resistente de influências que o têm perturbado. Recalcas seus ímpetos de revolta e não se expandindo como deseja, acumula rancores que lhe fazem grande mal físico e moral. É corajosa e positiva. Mas vive sob opressão e sofre muito. Temperamento romântico e apaixonado — capacidade de abnegação ilimitada.

LIANA LAGE — Rio — Sua carta, que é uma emocionante narrativa, merece divulgação porque encerra verdades cruéis que devem ser conhecidas. Já lhe pedi permissão para publicá-la e, se não for possível neste mesmo número, se-lo-á no próximo. Lendo sua carta, Liana, a gente vê a sua alma, límpida e transparente — por outra, a sua personalidade forjada nas agruras de uma vida árdua e difícil — você mesma retratou-se moralmente.

GILDA

Sua grafologia perde por isso mesmo no que disser sobre a sua tenacidade, tão bem definida pelo I mático. Sobre a sua coragem e superioridade. Porque a sua história fala tudo claramente. Digo-lhe, porém, que você aspira evoluir pelo próprio esforço, que sua capacidade de progresso não se abate com as vitórias alheias, antes se estimula com elas. Que você é dona do seu destino. Age por si mesma, mas sempre receiosa de errar, e sempre pedindo opiniões que, afinal, não adota. É afetuosa e delicada de sentimentos. Bem humorada e prudente. Sua tendência principal é comercial — aspirando a independência econômica, acima de tudo. Mas também adora a música e a literatura.

SULIVAN — Rio — Você é vaidosa e egoísta. Aprecia a vida calma, rotineira, sem novidades, nem surpresas. É ciumenta e invejosa. Não admite concorrência e não hesita em combater suas rivais com quaisquer armas. O que você quer é vencê-las. É econômica e metódica, pensando primeiro em você e depois nos seus. No amor é aventureira, nada de dedicações, nem sacrifício. Prudência e cálculo...

AGUIA BRANCA — Rio — Você escreveu em papel pautado. E assim, não é possível fazer o estudo de sua letra. Use papel liso e volte. Aqui ficamos às suas ordens.

A LETRA REVELA A PESSOA !

PEÇA UM RETRATO GRAFOLOGICO

Nome

Pseudônimo

Inclua uma página manuscrita em papel sem pauta.

Remeta para a Caixa Postal 2013, "MOMENTO FEMININO" — RIO DE JANEIRO

O casamento de uma operária com um milionário é diferente?

Parece incrível, mas é verdade. Na época do trabalho, quando, cada vez mais imperiosamente, se fez sentir em todas as sociedades a força e o valor dos homens e das mulheres que produzem. Uma época em que ser operário ou filho de operário é uma honra, embora uma miséria. Numa época em que a mulher voltou a trabalhar para o grupo em que vive e, por isso, vai aos poucos conquistando um lugar na vida.

Nos nossos tempos, em que o amor é a base de muitos casamentos, não importa se duradouro ou passageiro, em que o casamento não é mais, tão declaradamente, a salvação econômica das mulheres, nos dias de hoje,

em que muitos homens já procuram para casar, a companheira e não a criada de luxo de quem são obrigadas a pagar todas as despesas, é de pasmar que os jornais se preocupem em alardear, como um acontecimento cinematográfico, o casamento de um milionário com a filha de um mineiro, a filha de um operário.

Que há de extraordinário nesse casamento? Por que tanta propaganda em torno dele?

Se a publicidade que lhe dão, visa apresentar o milionário como benemérito e a filha do operário como feliz, premiada com a sorte de milhões, é lamentável, pois a im-

prensa, órgão vanguardista das opiniões, dos problemas, das questões vitais, sobretudo no momento em que vivemos, não se pode permitir ao diletantismo de questões como estas, desprovidas de qualquer valor social e moral em face do conceito que se faz do casamento.

Ao contrário, se com a publicidade que dá a este casamento, quer a imprensa mostrar a independência de caráter de um homem que, por amor, derrubou todas as barreiras e preconceitos impostos pela sua condição econômica de milionário, para casar com uma mulher pobre, mas a companheira eleita, deixando desconfortada na multidão de ricas casadoiras, também não usa a imprensa, com utilidade, a função de divulgadora, pois a atitude deste homem nos nossos dias não é uma atitude de exceção, surpreendente, é uma atitude normal e correspondente ao modelo do homem de caráter de nossa geração. Não se justifica que em torno de um gesto tão digno, mas simplesmente normal de um homem, se tenham tantos elos e se faça tanta propaganda, sobretudo se este ato está ligado aos sentimentos e a questões que só interessam a este homem.

O que deve ser motivo de alarde, isto sim, são as atitudes que se manifestam da conduta de um homem de caráter que vive a sua vida conforme a sua vontade, colocando esta a serviço de sua convicção moral, da utilidade social, e não dos princípios arrumados por um grupo que pensa igual porque tem interesse igual, mas contrário ao dos outros. Se um ato comum à dignidade do homem causa tanto espanto, porque os jornais não publicam diariamente uma lista com nomes dos homens que não roubam, não matam, não exploram os outros? Estes homens também merecem, neste caso, que se dê publicidade às suas atitudes honestas e comuns. Será que não merecem só porque não são milionários? Talvez...

A esta jovem, que talvez, sofreu nas suas próprias carnes, as consequências de ter nascido filha de um operário, e que agora, talvez, encontra a felicidade, que a pobreza não lhe deixava gozar, nos permitimos, já que o seu casamento foi tão comentado, fazer um voto: Não se deixe atordoar pelos milhões que ganhou da mesma forma que não se deixou abater pela condição de filha de um operário.

SERGIPE (Aracaju)

O Centro Sergipano de Estudos e Defesa do Petróleo enviou à União das Donas de Casa de Aracaju um convite para o Congresso que se realiza naquela cidade em 1, 2 e 3 de outubro. Três foram as delegadas da União eleitas para participar do Congresso. A União das Donas de Casa de Aracaju realizou também na noite de 23 do corrente um comício em defesa do petróleo, falando as senhoras Marieta Ramos Rocha, Eudícea Lima de Andrade, Stela Gama e Heloísa de Oliveira.

O comício foi dirigido pela senhora Floripe Santos.

* SOCIAIS *



EM MADUREIRA

No dia 19 do corrente foi realizado um comício sobre o petróleo, pela Comissão de Defesa de Madureira. Representado pelo Centro de Estudos e Defesa de Petróleo falou o acadêmico Nilton Emery, que foi grandemente aplaudido.

Usaram também da palavra os representantes das comissões de Osvaldo Cruz, dos Motoristas e da União Feminina de Madureira.

TARDE DANÇANTE

Realizou-se no dia 12 de setembro a tarde dançante no Clube Pietense, um benefício da "Caixa B. Santa Teresinha", exclusiva dos operários da fábrica de tecido Aziz Nader S. A.. Transcorreu animadamente, apesar do mau tempo, reinando cordialidade e alegria.

ANIVERSÁRIOS

O pequeno José Maria, filho de Pedro da Silva e de Maria do Carmo Fernandes, associada da Associação Feminina do Campo da Aviação, Ceará — Fortaleza, fez 1 ano no dia 11 de setembro de 1948.

Fêz 3 anos no dia 4 de setembro de 1948, o garoto Paulo Estevão, filho do sr. Benedito Gomes de Souza e da Alcina Gomes de Souza, da Associação Feminina de Joaquim Távora, Ceará — Fortaleza, leitora e amiga propagandista de MOMENTO FEMININO.

A 18 do corrente mês fez anos Luís Carlos Dalmácio, filho de nossas amigas Judite Sales Dalmácio, de Vitória, Espírito Santo.

Luís Carlos fez 12 anos e já ajudou muito sua mãe na propaganda e distribuição de MOMENTO FEMININO.



FESTA DE SÃO COSME E SÃO DAMIÃO

Domingo, dia 26 do corrente, realizou-se a festa em louvor de São Cosme e São Damião, na residência de nossos amigos e leitores, Alzira e Silvestre, moradores de Laranjeiras. Foram também homenageados nesta festa os filhinhos mais moços do casal, Silvestre e Mário Jorge, gêmeos de 4 anos de idade.

Reinava um ambiente de alegria na festa onde havia muito doce e se dan-

çou até tarde da noite. Para mais abrilhantar a festa, foram soltados foguetes em louvor daqueles dois santos mártires que são tão queridos pelo povo.

FALECIMENTO

Ivone Miranda, nossa redatora e nossa amiga, perdeu seu pai, o sr. Eustáquio Miranda, em dias deste mês. Desnecessário será dizer-lhe o quanto nos associamos à sua mágoa e como somos solidários com a dor que a aflige.



CIDADE JARDIM

LUIZINHA RIBEIRO

(15 anos) — (Uberaba)

Num amplo descampado,
De verdejantes campos rodeada,
Brotou sorrindo a terra da bonança,
Do Brasil a esperança
A bela e magestosa,
E rica e graciosa,
Brotou sorrindo enfim
A Cidade Jardim.

Ao contemplar-lhe o vulto grandioso
O uberlandense mostra-se orgulhoso
E cada vez que o faz mais se enaidece
De ver como a cidade sua cresce.

Cidade do desporte,
Dos homens de belo porte,
Da juventude renhida
Que não se abate vencida;

Dos filhos idolatrados
Que lutaram qual soldados
Defendendo com bravura
Dos avós a sepultura!

Da mocidade vibrante
Que ao som de belas canções
Vai levando sempre avante
Suas organizações!

Salve a Cidade Jardim
Que outra não há para mim!
Salve Uberlândia de belzas mil,
Futuro orgulho do meu Brasil!!!

Colégio Franklin Delano Roosevelt

FUNDADO EM 1928

INSPEÇÃO PERMANENTE - EDIFÍCIO APROPRIADO

Externato — Semi-Internato — Primário — Admissão
— Ginásial — Colegial — Clássico e Científico

DIURNO E NOTURNO

DIRETOR:

Prof. Milton Rivera Mango

TELEFONE: 28-6818

Rua Ibituruna, 43-45

Continuando a tradição do Ballet

NO ballet, arte essencialmente tradicional, manter a tradição pura da dança clássica é a sua força vital. E dança clássica não é a complicação nem o artificialismo que muita gente imagina. Se a dança em si, é algo espontâneo, proveniente do instinto humano — a primeira tentativa dos homens para "organizar" os seus movimen-



Samsão Castelo Branco, o grande animador do Ballet no Brasil, e um dos seus mais destacados cenaristas

tos, como dizem os seus historiadores — a técnica da dança clássica é apenas a realidade dessa tentativa. E nada há de artificial nessa série de leis sobre a ciência exata dos movimentos, para proporcionar ao corpo, equilíbrio, elevação e domínio no espaço, como nada há de artificial em aprender a gramática para falar melhor e com mais clareza.

O conjunto de regras que se tornou a arte da dança clássica, fez o ballet florescer na Itália, passando em seguida à França, Rússia e Dinamarca, voltando depois à Europa ocidental e, atravessando o oceano, vem agora florescer nas Américas. A técnica da dança tem sobrevivido apenas pela tradição, trazida por mestres e artistas, de século a século, às vezes com facilidade, às vezes com sacrifício, para chegar até nós. E assim continuará, enquanto houver mestres que a transmitam e dançarinos (alunos de hoje, mestres de amanhã) que a mantenham viva como uma chama sagrada. Um dançarino clássico é sempre, portanto, um depositário dessa tradição, que deve guardar como um tesouro. Eis porque o Ballet, com um grande conjunto de verdadeiros artistas da dança, é uma força poderosa para a preservação dessa arte.

Uma nova geração de dançarinos brasileiros está sendo preparada segundo essa tradição e influenciada em li-

nha quase direta pelos mesmos princípios que formaram Carlo Blasis e Vestris, grandes figuras do bailado em outros séculos. A plêiade de novos artistas do Ballet da Juventude recebe aulas de Maryla Gremo que estudou em Londres com Enrico Cecchetti, o qual foi aluno de Giovanni Lepri, que por sua vez foi aluno de Carlo Blasis, o grande codificador da dança no século passado. Em Berlim, Maryla Gremo estudou também com Preobajenska, que se formou em Moscou sob as aulas de Christian Johansen (o parceiro de Maria Taglioni nos seus dias áureos) o qual foi aluno de Gustav Bournonville, por sua vez aluno de Vestris, o mais célebre dançarino da corte do Rei-Sol.

O grupo que recebe a tradição pelas aulas de Maryla Gremo, está composto dos seguintes jovens artistas: Cirley



Um grupo de bailarinos: Cirley Franca, Aldo Lotufo, Ligia Prata, Beatriz Juppova e Noemia Wainer

Franca, Beatriz Juppova, Yolando Lupe, Yvone Meyer, Anna Maria, Ligia Prata, Julia Quirs, Zany Roxo, Rosa Talievo, Léa Vellozo, Noemia Wainer, Cecilia Wainstok, Aldo Lotufo e Angelo Moretz. São eles que formam o novo Ballet da Juventude, o já famoso grupo de dança que começou como uma iniciativa de amadores para a propaganda do ballet no Brasil, para se transformar numa verdadeira companhia profissional em 1947. Suas atividades sofreram um colapso, depois dessa temporada para grande público. E a organização do grupo voltou às entidades que patrocinaram a sua formação, a U.N.E. e a F.A.E. Reaparece agora o Ballet da Juventude, sob a direção de seu fundador, o artista S. Castelo Branco, dentro de sua verdadeira finalidade — a de Escola e Teatro Experimental da Dança para jovens artistas brasileiros, com o intuito de renovar os quadros do ballet brasileiro, despertando vocações e desenvolvendo talentos jovens, como os que formam o seu atual elenco. Hoje alunos, esplêndidas promessas — amanhã valiosos artistas do ballet clássico no Brasil, para continuarem a tradição de sua arte.



O "Ballet da Juventude" por ocasião do embarque para o Paraná, onde tiveram lugar as Olimpíadas da Federação Atlética de Estudantes. As jovens bailarinas dançaram para cerca de vinte mil pessoas.